

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



FOULARD DE CREPE DA CHINA BRANCO, «BOIS DE ROSE» E «VIOLINE»

(Foto Scaioni — Paris)

ESTE NÚMERO TEM 16 PAGINAS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid



A MODERNA GIOCONDA

UMA emulação continua entre a vida e a arte, entre a existência corrente e as imortais criações da beleza, acaba por condensar na carne, tudo o que em alma, em superior imaginação nos revelou um artista.

Dia a dia a nossa retina fixa o tipo físico duma ficção literária. A assimilação da contes-tura espiritual de uma grande figura que teve a sua aparição num esvoaçar indeciso da sensibilidade de um artista, toma às vezes, séculos depois, a forma verdadeiramente humana numa figura das nossas relações.

Uma das figuras que mais vezes se desloca das grandes criações artísticas, para ir ao encontro da sua semelhança humana e vivente, é a divina Gioconda, que uma pincelada feliz do grande Leonardo transformou num sorriso para imortalidade.

A mais moderna dessas encarnações é o retrato de Fernanda Regalia, magnífica beleza romana, e que é, por agora, a última Gioconda, mas sem dúvida a mais perfeita.

Há no seu rosto a mesma nobre serenidade. A cabeleira emoldura-lhe a fronte, num rosto de madona, e o sorriso e o olhar possuem a mesma enigmática melancolia da ideal Gioconda de Leonardo.

Olhando o retrato de Fernanda Regalia, ousamos perguntar onde está, entre as duas Giocondas, a mais perfeita.

E já não temos mais comparações porque a luta já não é entre dois rostos belos, mas entre a realidade viva dos nossos dias e a beleza ideal dum sonho agigantado e robustecido pelo decorrer dos séculos...

☞ ☞ ☞ ☞ ☞



OS ASPIRADORES
LUX
LIMPAM E
DESINFECTAM
TODA A CASA
ELECTRO LUX L.^{DA}
Praça dos Restauradores, 72
Telefone: Norte 4157
LISBOA
Avenida dos Aliados, 54
Telefone 2033
PORTO

AQUI PARA NÓS...

CHUVA...

CHOVE... Chove... Monótonamente, como um ritornelo de maníaco, a chuva bate nas pedras e no som que ela faz percebe-se o esparrinhar dos pingos na lage do passeio. «Águas do Céu», dizem os lavradores de mãos erguidas agradecendo, e, na sua alquímia transformista, clamam alegres: Esta chuva é pão!... Esta chuva é ouro... A batega continua a descer, vê de nuvem que se fez água, água de Deus que será pão, verdura e rio, e espelho de astros e alívio de sedentos...

Eu queria bendizer-te, água do céu, mas... a casa é longe, o piso é mau, o dinheiro é pouco... Eu queria sentir-me rica, da riqueza que tu espalhas, contente, do alívio que trazes, comovida ante a beleza que geras mas... é tão feia a lama... tão triste a cidade quando chove! Parece uma urbe conquistada após a invasão. Os que passam, não andam, fogem. Anda tudo foragido, naufrago, arripiado. As sereias dos taxis gaguejam com pressa. As mulheres teem

o ar mísero de pombas molhadas. E eu estou a meia hora de casa... e não há carro, e a fortuna não me deu uma pequenina «limousine», forrada de camurça clara, veloz e quente como um expresso-brinquedo, em miniatura...

Aliviou um pouco.

Uma réstea de sol doente furou a nuvem e doura os últimos pingos... E eu fecho a crónica, uma crónica que não diz nada, que não faz bem nem mal, que nem merecia a pena escrever.

Adeus, vou aproveitar esta aberta, que é também uma lição do destino, porque ser feliz deve consistir em saber aproveitar as abertas da outra chuva, tão impertinente como esta: a vida de todos os dias...

Eu nunca roubo. E vós?

FRANCISCA DE AYRE.

POR BEM...

À linda vila de Sintra,
ao nobre Paço Real,
fôra procurar descanso
Dom João de Portugal.

Numa manhã muito linda,
— em espirais pelo ar
iam loucas borboletas,
muito brancas, a noivar —
p'la mais escusa alameda
do jardim do alcaçar,
com a dama mais bonita,
ia El-Rei a conversar...

— Com buliçosa atenção,
n'um constante esvoaçar,
uma pèga, muito negra,
espiava o seu falar. —

Enquanto El-Rei uma rosa
à bela dama vai dar,
ardente sêde amorosa
sente seus lábios queimar.
Pela mente lhe perpassa
a tentação, o desejo,
de dar à dama que enlaça
um furtivo e casto beijo.

'Inda no rosal em flôr,
qual doce aroma de amor
que pelo ar se derrama,
s' evolava o brando harpejo,
a doçura dêsse beijo
que El-Rei dera em sua dama,

quando surgem na alameda,
num fru-fru, brando, de seda,

num brando rumor de sáias,
a Rainha e suas áias.

Um grito acordou, além,
os ecos do roseiral...

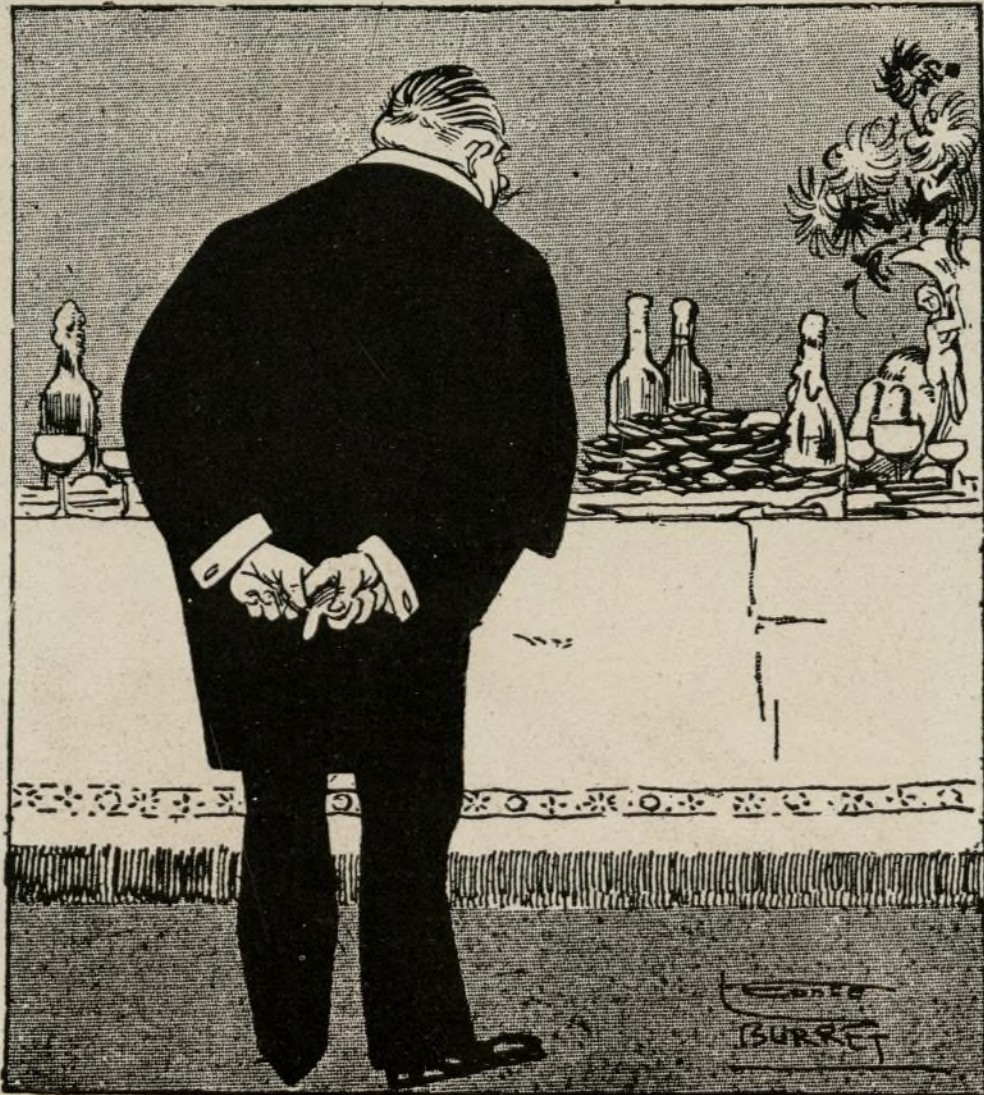
Ouve-se dizer — Por bem! —
a El-Rei de Portugal.

Por bem! Por bem! Palra a pèga,
esvoaçando no ar...

Por bem! Por bem! Como a pèga,
diz a côrte a murmurar.

Sintra, 11-1-926.

OSMAN.



O HOMENAGEADO: — Amanhã estou doente, com certeza...



Um formosíssimo grupo de tennistas, que, pela firmeza e graça das atitudes, parece tirado em terras da desportiva América e, afinal, foi obtido na nossa portuguesíssima Parede, a conhecida praia da linha de Cascais. Da esquerda para a direita: Mesdemoiselles Sofia Rompana, Maria José Mesquita, Maria Teresa Cunha, Paulina Ribeiro, Gabriela Cantarino, Assunção Pinheiro Chagas e Mary Keating.

(Cliché do sr. dr. F. Rompana)

☞ ☞ ☞ ☞ ☞

VIDA ELEGANTE

FESTAS MUNDANAS — No nosso meio elegante fala-se já em várias festas de caridade, que várias comissões de senhoras da nossa aristocracia levarão a efeito durante o inverno, entre as quais figuram «chás dançantes» e récitas de caridade, a primeira das festas se realizará talvez no próximo mês de Dezembro, tomando parte no seu desempenho um gracioso grupo de crianças, à semelhança do que o ano passado se efectuou em um dos nossos primeiros teatros.

CASAMENTOS — Realizou-se em capela armada em uma das salas da residência do sr. Conde de Almarjão, em Benfica, com muita intimidade, o casamento de sua gentil filha, D. Júlia, com o distinto engenheiro sr. José Guerreiro e Sousa, filho do ilustre engenheiro e director do jornal «A Voz», sr. Fernando de Sousa, sendo o acto celebrado pelo prior de Benfica, reverendo Francisco Maria da Silva, seguindo-se a missa, resada pelo reverendo Marques Soares. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

— Acaba de ajustar-se o casamento da sr.^a D. Hedwiges Eugénia Veiga da Cunha Gama Lobo de Eça, interessante filha da sr.^a D. Maria Hedwiges Veiga da Cunha Gama Lobo de Eça e do sr. António Tavares da Cunha Lobo de Eça, com o sr. César Augusto Marçal Vidigal Nunes, filho da sr.^a D. Palmira Marçal Vidigal Nunes e do sr. Frederico Augusto Vidigal Nunes, devendo a cerimónia realizar-se ainda este ano.

CHÁS DANÇANTES — Decorreu muito animado o «chá dançante» de domingo passado, no Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, o terceiro desta época, pois a pesar da tarde de verdadeiro inverno, as vastas salas do Grande Hotel estiveram sempre repletas de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia.

Além de animada conversação dançou-se quasi sem interrupção, até perto das 20 horas, ao som do exímio «jazz-banda», sob a direcção do brilhante violinista Vieira Pinto.

— Na Assembleia da Foz do Douro, iniciaram-se, no passado domingo, os «chás dançantes», tendo o primeiro, que foi abrilhantado pelo sexteto «Fabre's-Melody-Band», decorrido sempre no meio da maior animação e alegria, dançando-se quasi sem interrupção até bastante tarde, vendo-se aí reunidas as principais famílias da Foz e do Porto.

BAPTISADOS — Na paroquial igreja da Encarnação realizou-se o baptizado do vigésimo primeiro filho da sr.^a D. Maria da Cunha Pessanha de Sequeira Braga de Faria, esposa do sr. dr. António Leite de Faria, recebendo a gentil criança o nome de Raquel Maria, e servindo de madrinha sua tia, a sr.^a D. Maria da Cunha Pessanha de Sequeira Braga, e de padrinho, seu irmão, sr. Guilherme de Faria.

— Realizou-se na igreja matriz da Figueira da Foz, o baptizado de uma filhinha dos srs. Viscondes de Montargil, tendo servido de madrinha, sua prima, a menina Celeste Maria de Melo Mendes, e de padrinho, seu irmão, Elísio Mendes Ferreira de Melo, recebendo a interessante criança o nome de Aldina Maria.

O QUE VAI LÁ POR FORA

MADEMOISELLE
D'ANNAM

PARACE um sugestivo título de romance, este Mademoiselle d'Annam, nome gêmeo da célebre evocação japonesa do encantador Pierre Loti, que tem feito o enlêvo melancólico de muita senhora portuguesa, com o nome de Madame Chysanthème.

Não é um título de romance, mas é o pseudónimo de uma princesa real annamita, que acaba de alcançar em Paris um belo triunfo no campo científico.

Mademoiselle d'Annam, que se viu despojada de todo o esplendor naturalmente asiático da sua corte, tendo o seu nome envolvido numa história trágica de assaltos e massacres, alcançou ver em Paris o seu nome em voga, com todo o prestígio dum novo trono conquistado.

Possuidora de uma inteligência rara e uma sensibilidade artística prodigiosa, Mademoiselle d'Annam começou a magnífica ascensão dos seus triunfos com uma notável exposição de pintura.

Mas onde a talentosa princesa do Extremo Oriente firmou todo o prestígio do seu nome, foi na conquista do grau de engenheiro, na Escola de Agronomia, em França.

Mademoiselle d'Annam é a número 1, nas classificações do seu curso de agronomia. Até agora, desde a fundação do curso, nunca se registou tão prodigiosa manifestação de inteligência.

CAPRICHOS DE BRONZE

NA torre do Parlamento de Londres existe um velho relógio conhecido como o nome de «Big-Ben». Este relógio é famoso pela sua antiguidade, pelo seu mecanismo e pela sua história. O seu funcionamento é regularíssimo. Durante longos anos só parou três vezes. Para o bom prestígio do histórico relógio esta paragem não foi o fracasso do mecanismo ou um descuido do empregado encarregado de lhe dar corda. A paragem do velho medidor do tempo foi uma partida do próprio tempo. Teríveis neves acumularam gelo sobre as alavancas e o maquinismo deixou de ter acção, como um ser humano engripado.

As vezes, nestes acessos de gripe, parece que o velho relógio é tomado de febre acompanhada de delírio, e então o relógio pratica verdadeiros desatinos. De uma vez, ante o espanto geral, caíram do alto da torre, mais de cem badaladas seguidas. Nesse ano as colheitas foram esplêndidas. A população de Londres relacionou o facto, e durante anos esperava ansiosa que o sino anunciasse, num novo desatino, um festivo acontecimento.

Reparou que o sino tocou há dias. Há quem diga que sim; há quem diga que não. Seja como for. De tudo isto o que se pode concluir é que o bronze também é susceptível de um pequeno capricho, duma quasi loucura.

A ENERGIA DOS ELECTRONS
E DOS... SORRISOS

OS homens vão-se convencendo que a ciência política participa muito da gramática da elegância e, sobretudo, do espírito.

O sr. Painlevé, actual ministro da Guerra em França, regressou há dias de Inglaterra, onde não foi, positivamente, tratar da questão do desarmamento ou outro qualquer assunto referente à sua pasta, ou à sua situação oficial de político e de estadista, mas tão somente receber o seu diploma de doutor *honoris causa*, da Universidade de Cambridge. O sr. Painlevé regressou a Paris de avião, como um homem moderno, e em vez de produzir compactas afirmações sobre a política internacional, ao aterrar, teve uma pequena conferência científica, sobre o que observou nos laboratórios ingleses, dirigidos por químicos eminentes.

E o que imaginam que observou o sr. Painlevé?

O suficiente para produzir uma sábia teoria sobre a individualização do átomo.

A exposição da teoria consagra o ministro da guerra francês como um homem de ciência, mas onde o sr. Painlevé foi notável, foi na afirmação de que os electrons possuem energias desconhecidas, terminando por profetizar coisas terríveis, como por exemplo: No pedaço de metal de um anel de senhora haverá, possivelmente, energia suficiente para que, num futuro talvez não distante, se possa fazer saltar a frota britânica.

O que os homens descobrem, e sobretudo quando se trata de acumular energias, o que eles inventam!

O peor — diz-nos aqui do lado uma espirotosa colaboradora — o peor é que tudo isso é conhecido pelas mulheres até sem elas darem por isso.

E a propósito, com atitudes de parda, a nossa colaboradora conta-nos:

Um dia um engenheiro, depois de porfiada luta, alcança uma passagem para ir pela Europa fora estudar os progressos da engenharia do seu tempo.

O jovem engenheiro estava encantado e ante-

pondo-se às impressões de viagem, evocava o espectáculo grandioso da nossa civilização, fazendo passar com uma copiosa soma de argumentos a admirável rede ferroviária, as pontes metálicas gigantescas, os museus com todo o património industrial da nossa época. Era, tudo isto, uma magnífica hossana ao triunfo do homem, sempre dominador...

Pois as pontes, a formidável viagem, a energia do vapor que atira com uma mostro de ferro a 120 quilómetros à hora, desapareceram completamente sob a influxo maior de uma energia oculta, que talvez o sr. Painlevé, numa futura viagem, enumere numa ousada e sábia teoria: a energia de um sorriso de mulher, porque, foi com um simples sorriso que inesperadamente, uma mulher, fez perder o comboio ao jovem engenheiro, fazendo voar as pontes, o caminho de ferro e os triunfos da mecânica para aquelas alturas impossíveis... do esquecimento...

ALUNA DE 75 ANOS

NUNCA é tarde para aprender, — resa o ditado. Realmente cada dia que passa alguma coisa ensina a quem souber ver e reflectir. Ora isto não bastou a Miss A. Case, certa inglesa que, na idade de 75 anos, acaba de se matricular como aluna numa grande escola. Esta «menina» segue desde há dez anos os cursos nocturnos desse estabelecimento do qual ela é a mais velha das alunas e uma das mais distintas.

Em uma entrevista, essa interessante escolar declarou-nos: «Estou só no mundo e sinto-me envelhecer. Ora, para combater a velhice e ter a ilusão da mocidade, não há nada melhor do que a convivência com gente de menos de 25 anos de idade. Graças a este princípio, consegui aprender, em dez anos, a língua italiana e a francesa — ambas com perfeição — e agora penso em consagrar os meus futuros estudos à história literária destes dois países.»

Eis, leitoras minhas, uma receita imprevista para ficar eternamente jovem!

HÁ 3427 ANOS...

A comissão de arqueólogos enviada pelos Estados Unidos a fim de proceder às pesquisas necessárias para determinar com a maior exactidão o local onde ficava situada a cidade de Babilónia, um dos maiores focos de civilização da Antiguidade, acaba de descobrir numas escavações a que procedeu, que no ano de 1500 antes da nossa era, já certos maridos gastavam de mais.

A descoberta teve lugar entre o aparecimento de um papiro antiquíssimo que depois de ter sido examinado com o maior cuidado, se verificou ser uma carta enviada pela esposa de um dos cobradores oficiais dos impostos do Império, queixando-se a sua mãe que o seu marido gastava a maior parte do seu soldo em proveito próprio, esquecendo as necessidades de sua esposa e a verba necessária ao governo da casa.

Como as nossas gentis leitoras veem, já nesse tempo a crise das subsistências apavorava as donas de casa, ante a indiferença dos esposos às vezes demasiado egoístas.

AS DIFERENÇAS SOCIAIS
NO SEXO MASCULINO

UM conhecido filósofo americano, em resposta às recentes considerações de Mussolini, acerca dos distintivos de categoria social que todos deveriam usar para prestígio das várias classes profissionais, propõe que os sinais para toda a população masculina do globo, sejam os seguintes:

Para os intelectuais que sejam inteligentes, para os poetas, escritores acreditados, maestros de música clássica e barbeiros com lojas de mais de seis cadeiras: — uma grande cabeleira e uma pera que não seja nunca inferior a três centímetros de comprimento.

Para os capitalistas, directores de bancos, cangalheiros vulgarmente denominados «gatos pingados», portadores de tochas nos funerais importantes e cocheiros de casas ricas: — sobrecasaca e chapéu alto.

Observação: — os capitalistas serão proibidos de transitar em público sem a exibição de um charuto com mais de 10 centímetros de comprimento.

Para as classes médias; empregados públi-

cos, de escritório, jornalistas incógnitos, inquilinos em vesperas de despejo e frequentadores das casas de penhores: — olhar triste, fato aparentemente voltado (duas algebras de cada lado do peito do casaco) e calçado gaspeado.

Para as classes ditas trabalhadoras os distintivos indicarão as respectivas profissões. Assim, os metalúrgicos, fogueiros, descarregadores de carvão e carvoeiros de nacionalidade galega, apresentar-se-hão com os olhos mascarrados e as mãos indicando um verdadeiro ódio a todas as «manucures» possíveis.

Os indivíduos que constituem as demais classes sociais deverão procurar regular-se pelo distintivo da classe a que estão mais directamente ligados.

Tais como: os médicos, «chauffeurs», guarda-freios, aviadores e mestres de obras construtoras de «gaiolas», deverão identificar-se com os empregados das morgues e os coveiros dos cemitérios.

Certos leiteiros, vários padeiros e merceeiros, cosinheiros de determinados restaurantes e alguns farmacêuticos, formarão um grupo aliado aos fornecedores de adubos, operários das fabricas de guano e arrematantes das escórias e lixos das grandes cidades.

Desta maneira, as diferentes categorias sociais ficarão perfeitamente definidas e o prestígio moral inerente a cada profissão já mais poderá ser pôsto em dúvida.

COISAS DA AMÉRICA...

QUANTO VALEM «ELES»?

O presidente de um Congresso de Químicos realizado em Filadélfia, declarou aos jornalistas que o corpo de um homem normal é uma simples mistura de 55 quilos de produtos químicos que, «devidamente» utilizados, poderiam fornecer:

— Ferro suficiente para fabricar uma dúzia de pregos de médias dimensões.

— Uma quantidade de cal que chegaria perfeitamente para limpar e desinfetar uma capoeira de três metros quadrados.

— Enxofre bastante para matar todas as pulgas de um «lobo de Alsácia».

— Uma porção de água mais do que a necessária para... lavar uma dúzia de pares de meias.

Todos estes elementos à venda numa drogaria qualquer forneceriam ao seu vendedor um lucro tal, que convertido em moeda portuguesa corresponde a cerca de Esc. 12\$75.

Ora quem havia de dizer que um homem, por mais herói que tenha sido, só vale Esc. 12\$75.

OS SCIENTISTAS AMERICANOS
E AS DACTILÓGRAFAS

OS sábios americanos foram convidados pelas autoridades encarregadas de manter a execução da «lei-sêca» a realizar uma série de investigações científicas com o fim de permitir à polícia determinar com facilidade se a pessoa detida sob a suspeita de embriaguez, se encontra realmente nesse estado ou a afecção não passa de uma crise passageira de «reumático nas pernas e nervoso na cabeça».

Para que os resultados obtidos não pudessem oferecer a menor dúvida e também para ressaltar a dignidade e critério dos estudos, tendo-se verificado que é nos escritórios comerciais onde o uso secreto das bebidas alcoólicas é mais frequente, foram convidadas algumas senhoras dactilógrafas a ingerirem determinadas quantidades de vinho de pasto, vinho generoso, licores e vários espíritos para em seguida retomarem o seu trabalho às máquinas de escrever e assim ser possível notar na prática, quais os efeitos da ingestão dessas várias bebidas e diagnosticar o seu estado de embriaguez por intermédio das razuras e enganos efectuados no decurso dos trabalhos dactilográficos.

Após várias, cautelas, e ponderadas investigações científicas, os sábios americanos chegaram à conclusão de que: «Sempre que uma senhora bebe demasiado, fica... embriagada».

CINCO CONSELHOS
POR SEMANA

QUANDO um vestido ou fato de sarja azul se torna lustroso pelo uso, basta humedecê-lo com vinagre bem quente e em seguida passá-lo a ferro pelo lado do fôrro.

— O petróleo deve estar sempre muito bem rolhado, aliás perde às suas propriedades iluminantes.

— Quando ao assar carne esta escurece antes de estar completamente assada, coloque-se uma caçarola de água no forno juntamente com a carne.

— Quando se deseja servir alguns pãesinhos que não estejam bastante macios, metam-se num saco de papel e «borrife-se» em seguida esse saco com água. Coloquem-se em seguida num forno quente e alguns minutos depois estarão tão macios como se acabassem de sair da padaria.

— Quando ao serem lavados dois copos, recusam separar-se um de dentro do outro, em virtude da rarefacção do ar motivada pela água quente, basta deixar o copo inferior na mesma água quente e deitando em seguida alguma água fria dentro do copo interior, tendo o cuidado de introduzir-lhe uma colher metálica bem encostada ao vidro a fim de não estalar.



Princesa d'Annam



COZINHA

TRÊS MANEIRAS DE FAZER OVOS

OVOS BERCY

Estrelam-se os ovos e põem-se numa travessa, rodeando as gemas com salchichas fritas. À roda deita-se molho de tomate.

OVOS COM MANTEIGA QUEIMADA

Partem-se os ovos em 20 gramas de manteiga, aquecida na frigideira e quase preta; temperam-se, fritam-se e deitam-se na travessa; regam-se com um fio de vinagre aquecido, um momento, na frigideira.

OVOS CLAMART

Põem-se, numa frigideira de louça, ervilhas cozidas, temperadas com manteiga e alface cozida; partem-se os ovos em cima e vão a estrelar. Também se podem fazer umas caixinhas de massa, enchendo-se com ervilhas e alfaces, cozidas, temperadas com manteiga; põe-se, em cada uma, um ovo escalfado e cobre-se molho branco.

TRÊS MANEIRAS DE FAZER BACALHAU

BACALHAU COBERTO

Põe-se de molho uma parte grossa do bacalhau e em estando demolhado cose-se. Põe-se num prato de ir ao forno o bacalhau em grandes lascas, cobre-se com muito bom azeite. Faz-se uma porção de puré de batata, cobrindo-se bem o bacalhau que vai ao forno até alourar.

BACALHAU LEVA TUDO

Bacalhau grosso bem demolhado e partido às lascas põe-se num tacho, juntando-se-lhe uma boa colher de azeite, uma colher de sopa de manteiga, uma de banha, pimenta, um ramo de salsa, um bocadinho de presunto, chouriço e tomate, e vai tudo isto ao lume até estar cozido.

BACALHAU BURGUEZ

Parte-se o bacalhau em filetes fininhos, faz-se uma massa bem fina de farinha de trigo, passam-se os filetes, um por um, e fritam-se. Deitam-se, num prato de ir ao forno, uma camada de bacalhau, uma de batatas cozidas e partidas às rodas grossas e queijo Parmezan. Faz-se molho branco e com ele se cobre o bacalhau, que vai a alourar ao forno.

TRÊS PUDINS

PUDIM DE CRÈME DE CHOCOLATE

250 gramas de manteiga sem sal, trabalham-se com 125 gramas de assucar até que fique como um crêpe. Juntam-se-lhe 14 gemas de ovos, uma por cada vez. Derrete-se um pouco de chocolate em leite e deitam-se 5 ou 6 colheres de sopa no crêpe, pouco a pouco, e mexendo sempre. Guarnece-se uma fôrma com palitos à la reine e põe-se-lhe uma camada de crêpe e uma de palitos à la reine até ficar a fôrma cheia; tira-se da fôrma no dia seguinte.

PUDIM DE CHÁ

Em meio litro de leite abre-se uma porção de chá preto como se fosse em água; pesam-se 460 gramas de assucar e tira-se-lhe um pouco que se deve queimar para o passar pela fôrma; também se pode untar com manteiga. Batem-se 12 gemas de ovos e duas claras com o assucar, mistura-se ao leite e depois da lata preparada com o assucar, deita-se-lhe tudo e cose em banho Maria. Igualmente se faz de café.

PUDIM DE MAIZENA

Meio litro de leite e duas colheres de sopa de maizena. Desfaz-se a farinha à parte num pouco de leite e cõa-se por um coador, junta-se ao resto do leite com uma casca de limão e um bocadinho de canela em pau. Põe-se ao lume a coser, não deixando de mexer para não pegar, até engrossar bem; deita-se numa fôrma passada com leite e põe-se a gelar. Leva assucar a gosto.

(Extraído do livro «Dóces e Cosinhados», editado pela casa Aillaud).

: DO LAR :

UM TRECHO DE SALÃO

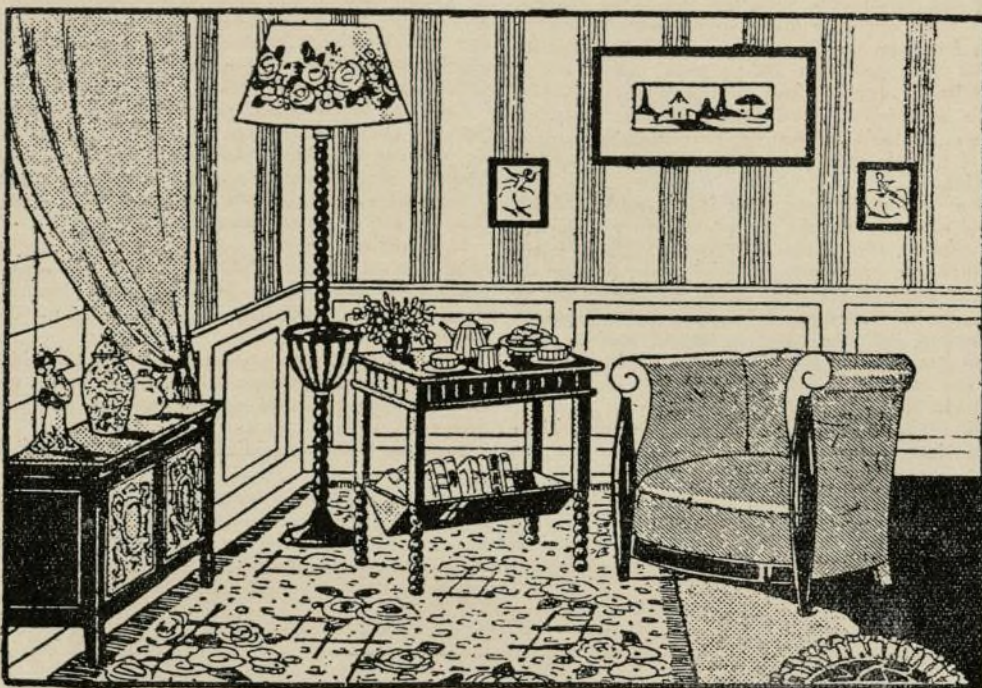
Os nossos olhos habituam-se complacentemente à fantasia do mobiliário, cuja uniformidade deixou de ser procurada. O que principalmente nos interessa é o conforto e a boa aplicação dos móveis que nos servem como que de moldura e de que devemos servir-nos quotidianamente. Com um espírito muito prático, reconhecemos com era ilusório e pueril esse hábito de utilizarmos certos móveis incômodos, pretextando o seu classicismo. Quando a nossa casa é vasta, poderemos permitir-nos o luxo de um quarto mobilado com puro estilo, em que as poltronas são estofadas rijamente ao uso da época; mas o que não se deve suprimir é o recanto íntimo, muito pessoal, onde se está comodamente e onde se passam as horas mais agradáveis do dia.

É-lo — pequeno refúgio encantador — decorado a móveis despretenciosos, onde se sente a suavidade do lar e o encanto da intimidade. As paredes são forradas de papel «gris-perle», riscado de finas linhas de um amarelo um

esbelta e elegante é ornamentada por um cestinho em madeira, onde se arrecadam os novels de lã ou de algodão que servem para os trabalhos de tricô.

Um pára-luz Império, um pergaminho, guardado de uma grinalda de flores pintadas, projecta uma branda sombra sobre este canto muito tranquilo.

O bufete, colocado em frente da janela, é uma simples mesa de cosinha, em carvalho, cujas faces laterais, fortemente envernizadas, são brilhantes e assestadas, ao passo que os painéis da frente, mais claros, são pirogravados, fornecendo motivos decorativos bastante interessantes. A parte interna deste móvel forra-se de um *cretonne* vistoso, que se fixa por meio de prégos de cabeça dourada, de maneira que o interior do bufete, apesar da sobriedade do seu exterior, apresenta um aspecto muito elegante. Sobre o tampo colocam-se vasos de vidro, que se forram interiormente de papel pintado, a imitar louça do Japão, e se des-



pouco mais carregado; estas duas côres dão ao papel um tom brando a que se associam duas fortes cortinas em *voile* de seda cor de ouro, simplesmente fixas por argolas de cobre presas a uma travessa de madeira pintada a *ripolin* cor de cinza. A poltrona, em que o estilo inglês e o moderno se confundem, é de acajú, com colunatas, forrada de veludo cinzento, esse cinzento muito puro, cujas doces tonalidades se harmonizam admiravelmente aos tons do acajú dourado, por maneira que o aspecto, um pouco pesado, deste móvel, é aligeirado pela suavidade do fôrro.

A mesa, — uma pequena mesinha para chá, para costura e para escrever — é de carvalho ou imitação de carvalho, com ranhuras em estilo Henrique II. Trata-se de um estilo composto e sem pretensões; mas é um móvel verdadeiramente cómodo, graças à *étagère* dupla formada pelas duas prateleiras. Este canto de repouso é iluminado por uma lâmpada de elevado suporte, em acajú torneado, cuja forma

tacam na clara moldura formada pela janela. Também se poderá pintar o mesmo bufete em *ripolin*, escolhendo as côres berrantes, tão apreciadas no Oriente. O vermelho, o verde, o rôxo, dariam ao móvel um aspecto alegre, convido neste caso realçá-lo por meio de *baguettes* douradas.

O tapete, de uma só cor, aumenta sempre as dimensões do aposento; mas para evitar-lhe a monotonia, será conveniente lançar sobre este fundo uma *carpete*, com desenhos representando flores, a qual se colocará na parte mais habitada do salão.

A elegância deste cantinho, tão lindamente mobilado, como que é aquecida pelo calor de uma *carpete* com desenhos orientais. Não é necessário procurar para este tapete um tecido caro: a mais simples das *carpetes* dá ao conjunto um aspecto dos mais agradáveis, mas a sua ausência causa uma impressão de frio e de abandono. É um pormenor que não se deve omitir.

FEMINISMO RACIONAL

Mais duma vez nos referimos já a Mademoiselle M. S. Paris, engenheiro da I. E. G. e directora do Instituto Electromecânico Feminino. Mademoiselle Paris enveredou corajosamente por uma carreira onde nenhuma outra mulher tinha até hoje entrado.

No recente Congresso de Química Industrial, Mademoiselle M. L. Paris expoz as suas ideias, assim como as observações que teve ensejo de fazer a respeito das mulheres na indústria. A sua comunicação referia-se em primeiro lugar ao desenvolvimento do feminismo em França. Depois de ter definido o feminismo, passou em revista as origens do movimento feminista (crise económica, vida mecânica), e as suas consequências: necessidade, para a mulher, de criar para si própria uma situação; indispensabilidade duma instrução mais desenvolvida que lhe facilite o acesso a todas as carreiras. Mademoiselle Paris desenvolveu certos pontos particulares do problema feminista. O feminismo *bem compreendido* constitui um remédio ao mal nascido da crise económica; em troca, ele assegura à mulher o desenvolvimento harmonioso de todo o seu ser, não só físico mas moral, desenvolvendo a que ela tem direito como pessoa

moral que é. Felizmente, hoje sabe-se já distinguir o bom feminismo do mau. O bom, o verdadeiro, é aquele que, deixando à mulher todas as suas *femininas*, a corrige dos defeitos peculiares ao seu sexo e devidos a uma educação errada; é aquele que, não masculinizando de forma alguma a mulher, procura, não obstante, conquistar-lhe os direitos que ela merece como ser consciente e trabalhador que é.

O mau feminismo é uma errada compreensão desses direitos e de suas reivindicações, o que dá lugar a um deplorable desequilíbrio e a tristíssimas figuras. Nunca uma boa compreensão do que é o feminismo poderá levar a mulher a macaquear o homem no seu porte, na sua maneira de vestir, etc.

Combater o bom feminismo, pois — conclui Mademoiselle Paris — constitui um perigo nacional; animá-lo assegura, pelo contrário, à mulher uma salvaguarda material e moral, e a todos uma garantia social.

Éis o que se chama o bom e útil feminismo. Mademoiselle Paris soube provar — e perante os seus colegas do sexo masculino — que a inteligência feminina sabe adaptar-se aos mais complexos problemas da ciência moderna.



BELEZA

PASTAS DEPILOTÓRIAS

Poucas são as pastas depilatórias que osemos aconselhar e o seu emprego tem de ser muito cuidadoso. Regra geral: uma pasta depilatória não deve permanecer sobre a pele mais do que o tempo rigorosamente exigido para atacar os pêlos cuja queda se pretende. A determinação exacta desse tempo varia, porém, não só consoante a composição da pasta, como também segundo a pessoa a que ela se aplica.

A seguinte pasta depilatória não é perigosa, nas condições em que a vamos aconselhar. A sua composição é: Sulfureto de bário, 50 gramas; Óxido de zinco em pó, 25 gramas; Amido em pó, 25 gramas; Água destilada — quanta fôr precisa para fazer pasta.

Aplica-se sobre a região a depilar durante apenas dez minutos, tira-se e depois lava-se a pele com água quente e sabonete.

Haja sempre a cautela de não introduzir na boca nenhuma partícula desta ou de qualquer outra pasta depilatória.

CONTRA O CIEIRO

O cieiro, como todos sabemos, é causado pelo frio, actuando sobre a epiderme e gretando-a ou tornando-a escamosa. Faz-se sentir principalmente nos lábios, narinas e mãos.

Contra o cieiro dos lábios e narinas, aconselhamos unções, várias vezes ao dia, com o seguinte:

Óleo de amendoas doces.....	125 gramas
Espermacti.....	25 "
Cêra branca.....	25 "
Essência de amendoas amargas.....	4 "

O cold-cream basta às vezes para produzir o mesmo efeito.

Quanto ao cieiro das mãos, cura-se, lavando-as duas vezes por dia em água quente e sabão de glicerina, e untando-as em seguida com o seguinte:

Mentol.....	50 centigramas
Salol.....	2 gramas
Azeite.....	10 "
Lanolina.....	20 "

CONTRA AS CICATRIZES E MANCHAS DA PELE

Põe-se a uma boa farmácia o seguinte tónico: Colodion elástico, 20 gramas, Resorcina, 2 gramas.

Com um pequenino pincel embebido neste tónico tocam-se levemente, ao deitar, as cicatrizes e outros sinais da pele. O éter do colodion evapora-se e sobre as manchas fica uma capa protectora que se não deve descolar, mas sim deixar que espontaneamente se desprenda. Repete-se então o tratamento, e assim sucessivamente, até que as manchas desapareçam.

HIGIENE DA BOCA

Dentífricos

Carbonato de cal	30 gramas
Clorato de potassa	15 "
Borato de soda	15 "
Salol em pó	30 "
Sacarina	1/2 grama

Outra fórmula:

Ácido bórico finamente pulverizado	2 gramas
Clorato de potassa	2 "
Pó de gnaiaço.....	2 "
Cré preparada.....	4 "
Carbonato de magnésia	4 "
Essência de hortelã-pimenta	10 gotas

Outra fórmula:

Carbonato de cal	10 gramas
Carbonato de magnésia	10 "
Borato de soda.....	3 "
Tanino.....	1 grama
Sacarina	1/2 grama
Carmim	1/2 "
Essência de hortelã-pimenta	12 gotas

DR. IGNOTUS.

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO — DEPOSITO — RUA IVENS, 30

VÁRIAS leitoras amigas pediram a Reine Clotilde um desenho para *chemin de table*. E Reine Clotilde, carinhosamente, procurou nos seus apontamentos, algo de moderno, de gracioso e de prático ao mesmo tempo. E achou estas rosas estilizadas em curvas delicadas, que formam como que umas grinaldas a ornamentar todo o *chemin*.

Nas duas extremidades d'este, um ramo de três rosas ostenta-se circundado por folhas, numa simetria leve. E correndo pelas bordas do pano, um friso de folhas forma, graciosamente, uma verde moldura.

É fino, é fácil de bordar — e é moderno.

O bordado é dos mais simples — o nosso desenho indica, de resto, claramente, os pontos: As rosas a ponto cheio, sem recheio.

Tôda a decoração deve ser executada em tons leves e alegres, e com uma grande simplicidade. São esses tons alegres e — por assim dizer — cantantes, que tornam este pequeno *chemin* um encantador ornamento para a mesa.

Como tecido em que deve ser bordado,

Os Nossos Bordados

escolha-se de preferência o linho sedoso e fino.

As folhas são feitas a ponto *balasiano*. Como este ponto é ainda pouco conhecido, o melhor é as nossas queridas leitoras se guiarem pelo nosso desenho, que se apresenta muito claro e explícito. Este ponto é muito simples de se bordar e depressa se executa.

As hastes são tôdas a ponto cheio, — sem recheio — também.

Quanto às côres, deverão estas harmonizar-se com o serviço de mesa. De preferência escolher-se dois tons de amarelo; ou um

tom de rosa e outro azul; ou então rosa, verde e *mauve*; ou verde, azul e indigo. Esta escolha dependerá do bom-gosto da bordadora.

Os pontinhos que ficam no centro das rosas são feitos a ponto de pé de flôr em côr de ouro velho, com três pontos de nó da mesma côr.

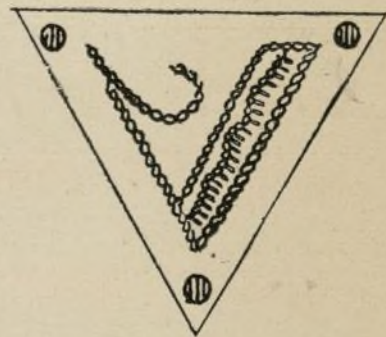
As hastes em um tom de vermelho côr de ferrugem — a côr que tomam as hastes das roseiras — e que é tão linda. Os picos da mesma côr.

Todo o bordado é sem recheio, e — como veem — em estilo moderno, e contudo duma grande e artística simplicidade.

O tamanho do *chemin de table* pode regular por 1 metro e dez centímetros de comprimento por 50 centímetros de largura.

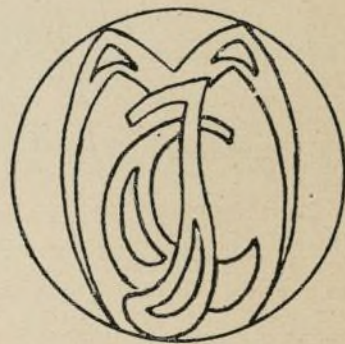
Querendo, pode aproveitar-se o mesmo desenho para um grande *napperon*.

Ao redor do *chemin de table* faz-se um ponto a fios tirados, o que lhe dá uma grande leveza.



adivinha, o decifrar as letras de certos monogramas. Não aprovamos isto. Pode-se estilizar um monograma sem o tornar indecifrável, e sem lhe tirar a beleza das linhas.

Nos nossos desenhos tentamos seguir a ma-



neira moderna conservando, porém, a clareza das iniciais.

Um dêles é destinado a bordar-se sobre tule.

REINE CLOTILDE.

ALGUMAS RECEITAS

PAPEL DE ESTREZIR OU COPIAR DESENHOS

As nossas leitoras têm freqüentemente necessidade de copiar ou estrezir um desenho qualquer, para os seus labores e servem-se para isso de papel vegetal ou outro papel especial, sempre caro e geralmente frágil, além de pouco transparente. Saibam, pois, que há um processo muito simples e económico de utilizar o papel almasso ou outro papel ordinário, não transparente.

Consiste em passar, na ocasião, sobre esse papel comum, pinceladas de essência de terebentina «pura» e fazer a cópia imediatamente, antes que a essência se evapore.

Sob a acção da essência pura o papel ordinário torna-se transparente e permite estrezir o desenho com toda a perfeição e facilidade sem deixar vestígios da essência após a evaporação.

Devemos prevenir as nossas leitoras de que, sendo muito inflamável a essência de terebentina, é conveniente não se servirem dela próximo de qualquer chama.

NÓDOAS DE AGUA NOS LIVROS

FAZ-SE uma solução fraca de alúmen, molha-se à farta o sítio manchado ou, podendo ser, deixa-se embeber este na solução.

Fazer secar, em seguida, entre duas folhas de papel mata-borrão branco.

É claro que o papel mata-borrão deve ser novo e por estrear.

NÓDOAS DE ALCATRAO SOBRE TECIDOS DE Lã OU DE ALGODÃO

TOMA-SE um pouco de azeite de queimar, esfrega-se com êle a nódoa tal como se, em vez de a tirar, se procurasse alastrá-la.

Em uma vasilha, mistura-se então uma gema de ovo com um tanto de água quente. Bate-se bem esta mistura, e aplica-se sobre a nódoa, esfregando esta com vigor. Se acaso a nódoa ainda se conhecesse, tornar-se-hia necessário esfregá-la, ao de leve, e repetidas vezes, com um paninho de lã embebido em gasolina ou benzina.



A MULHER NOS SPORTS

LILI ALVAREZ

PARCELA que vem a Lisboa Lili Alvarez. A sua vinda a Portugal não será uma visita oficial do desportismo espanhol aos desportistas portugueses. A insigne campeã do «tenis» na vizinha Espanha, tem uma grande simpatia



Lili Alvarez, campeã de «tenis» em Espanha

pelo nosso país. Devemos recebê-la com todas as honras que o seu grande prestígio merece, prestígio que já chegou ao novo mundo, porque Lili Alvarez é uma das mais brilhantes campeãs da raquete internacional e uma apaixonada jogadora do «golf».

■ ■

SEREIAS MODERNAS

MISS Gleitze está classificada como uma das mais categorizadas sereias do nosso tempo.

Não seremos nós que atribuiremos tais virtudes à intrepida nadadora.

Miss Gleitze não gosta de disputar à lenda a sua celebridade. Não quer ser sereia. Basta-lhe o título de nadadora. Apesar disto teimam em chamar a Miss Gleitze, sereia, e a arrojada nadadora, amuou.

Ela é muito mulher para compreender todo o volume de uma intenção.

As sereias cantam de mais e nadam de menos. A sereia é a imagem perfeita da sedução marítima, é finalmente, uma promessa enganadora...

Miss Gleitze (não é ela que promete) irá no próximo mês de Dezembro tentar a travessia da costa africana a Gibraltar, por proposta de um sindicato americano.

Ali as correntes são mais fortes, o mar raras vezes calmo.

Miss Gleitze, está inabalável de confiança... Entretanto há quem continue a chamar-lhe sereia...

E até Dezembro teremos Miss Gleitze... amuada...

■ ■

CALÇADO PARA CAVALOS

É uma ideia original que por certo merece pelo menos um prémio da Sociedade Protectora dos Animais:

Mr. Lawrence Schwaab, de Nova York, lembrou-se de calçar os cavalos. Não sorria, leitor incrédulo: estou falando sério: disse calçar os cavalos, sim, com verdadeiro calçado de cabedal. E, a fim de preconizar o seu sistema, Mr.

Schwaab invoca o sentimento de humanidade que nós devemos mostrar sempre para com a mais nobre conquista do «homem».

Afirma esse inventor que, contrariamente à opinião admitida em geral, o casco do cavalo não foi feito para receber cravos, que a aplicação do ferro em braza na base do mesmo casco é uso que deve ser banido, assim como a preparação do pé pequeno, a qual deteriora a substância vital e é a causa principal de certos cascos terem tendência a rachar.

Para remediar tais inconvenientes, Mr. Schwaab inventou, pois, um verdadeiro calçado com sola singela ou dobrada. Não se trata de tacões ou saltos à Luís XV, mas lá chegaremos qualquer dia: o progresso, em nossa época, vem caminhando a agigantados passos...

Aplica-se o famoso calçado na base do casco, mantendo-se por meio duma espécie de cimento impermeável, de rápido secar, e composto de guta-percha e de asfalto; a aderência parece ser perfeita e muito sólida.

Experiências práticas foram feitas em público e obtiveram resultados muito satisfatórios. Sistema análogo existe, segundo nos informam, em Paris, mas, não tendo o inventor divulgado a sua invenção, nós não temos a certeza da veracidade lêste segundo facto.

■ ■

A DANÇA COMO EXERCÍCIO FÍSICO E PSÍQUICO

Os psico-analistas ingleses têm ultimamente estudado com a maior atenção quais os efeitos da dança na maioria das empregadas dos maiores estabelecimentos de Londres.

Depois de várias e aturadas investigações, concordaram em que a dança é um dos melhores exercícios físicos quando efectuado em lugar arejado e em horas que não alterem o necessário repouso exigido pelo organismo.

É, pois, verdade, que três horas *valsadas* ou *fox-trotadas* com os indispensáveis intervalos para evitar a fadiga resultante do excesso, constituem o melhor tónico do mundo, e todas as pessoas que adoptam esta «cura», podem estar certas de que não necessitarão das farmácias.

Os directores dos maiores armazéns da grande metrópole, entrevistados por alguns representantes dos maiores periódicos londrinos, declararam que em regra, as empregadas que melhor sabem dançar são sempre as mais atraentes e graciosas para o serviço de balcão, e bem assim aquelas que sabem melhor e mais proficientemente promover e aumentar as vendas dos artigos mais difíceis de negociar.

Como prova dêste facto o director dos Grandes Armazéns «Selfridges» afirmou que, desde que para a secção de louças e vidros do seu estabelecimento tinham sido escolhidas as empregadas que mais assiduamente se dedicavam à dança, os prejuízos causados por quebras e falta de cuidado tinham extraordinariamente decrescido, demonstrando assim que o exercício da dança tende a criar um estado psíquico muito mais calmo e disciplinado, motivado por uma maior facilidade e graciosidade de movimentos em oposição a todas as atitudes inestéticas.

Ao serem entrevistadas as enfermeiras-chefes de alguns dos maiores hospitais, reconheceu-se também, que as enfermeiras que mais costumavam frequentar os recintos de dança eram também aquelas que com maior facilidade percorriam as enfermarias nos bicos dos pés sem causar o menor ruído aos doentes necessitados de repouso.

Em face destes resultados não estamos certamente longe do dia em que, juntamente com as habilitações usuais para a admissão num dos cargos geralmente preenchidos pelo sexo feminino, venha também a ser exigido um atestado da junta da paróquia provando que a candidata é... uma esplendida dançarina!

■ ■

RESSUSCITANDO O PASSADO

A senhora duquesa de Uzès, a Diana sexagenária, como indiscretamente lhe chama a imprensa francesa, é uma fidalga, «vieille roche» na mais pura acepção do termo. O pas-



sado desfila sempre perante os seus olhos numa visão magnífica de beleza.

Mas a duquesa de Uzès não é egoísta. Deseja, quer, que o seu sonho de grandezas extintas



não seja um privilégio da sua mente evocadora e para isso reconstrói, recompõe quadros antigos e deslumbra os seus convidados com festas magníficas, onde o passado volta a presidir ao desfilar das horas.

Ultimamente organizou ela uma caça de montaria decalcada nos moldes do século XVIII, evocando e ressuscitando o fausto das caçadas nos tempos de Luís XVI. Postilhões, monteiros, convidados e matilheiros, vestindo rigorosamente os trajes da época fizeram que a velha tapada senhorial revivesse umas horas aquela época longínqua de que muitos carvalhos e plátanos se poderiam lembrar ainda.

Entre nós há optimos cavaleiros; há matilhas bem adestradas, há lebres no plano ribatejano e lobos e javardos nas charnecas do Alentejo e nos andurriais das Beiras; não seria curioso ressuscitar uma dessas festas venatórias que no tempo do rei D. José tanto esplendor atingiram?

■ ■

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

■ ■

Os bons livros

AUTORES PORTUGUESES

TREVAS LUMINOSAS

CÂNDIDA AIRES DE MAGALHÃES

Apesar de ter sido publicado já há anos, este primoroso livro de versos é tão belo, que não podemos deixar de o recomendar àquelas das nossas leitoras que ainda o não conhecem.

É um lindo romance de amor puro, contado em versos de forma impecável, cheios de verdadeira poesia e que todas as mulheres portuguesas deviam ler em suave recolhimento.

GRÉCIA, MUSA DO OCIDENTE

JOÃO DE BARROS

Um livro interessantíssimo sob todos os pontos de vista.

Nas suas páginas vibrantes de entusiasmo e emoção, perpassa a Grécia, gloriosa e heroica dos deuses e de Homero, de céu azul puríssimo e luz maravilhosa, com as suas lendas eternas e os monumentos e estátuas incomparáveis que os seus Artistas legaram ao mundo como fonte de toda a inspiração e beleza.

Este livro de impressões, escrito num estilo rico de imagens, fluente e puro, é bem a obra dum Poeta, que alia à sensibilidade da sua alma

As tardes de Almeirim e de Salvaterra seriam belas de recordar e fazer reviver uma tradição é sempre robustecer o sentimento da pátria e o espírito da nacionalidade.

É dessas pedras do passado, pequenas na aparência, que se constroem a torre forte do carácter nacional.

Do cultivo da tradição, cultivo apaixonado entre alguns povos modernos, nasce uma virtude imprescindível para a grandeza das nacionalidades. A essa virtude podemos chamar «Sentimento de Raça», e ela vive exclusivamente das características de cada povo, características que é necessário não deixar perder nem esquecer, antes, pelo contrário, robustecer e conservar.

Fomos e somos ainda uma terra de cavaleiros e de caçadores. Não percamos essas duas qualidades que são oportunamente dois elementos de vitória.

No espírito de todos nós estão bem enraizadas as virtudes antigas; para que elas se mostrem em toda a sua pujança basta às vezes um pequeno pretexto.

Fica expresso este desejo que nem chega a ser um alvitre.



de artista, à visão nítida e profunda dos factos, das coisas e dos homens: deleita-nos o espírito, pausa-nos a imaginação de divindades pagãs e heróis lendários, focando, ao mesmo tempo, com uma precisão admirável, diversos aspectos da Grécia antiga e moderna.

É um volume para figurar nas boas estantes e deve ser conhecido por todas as mulheres inteligentes, que nele encontrarão leitura agradável e instrutiva.

MUNDO NOVO

ANA DE CASTRO OSÓRIO

FUGINDO aos moldes tão vulgarizados de certos romances de amor, em que se escalpelam seres anormais e almas doentes, e se põem a nu paixões mórbidas e sem elevação, este livro, como todos os da sua autora, é equilibrado, saudável e cheio de nobres incitamentos.

Embora trate um assunto árido e doloroso, — a emigração, — nas suas páginas há, a par de belas descrições, uma grande ternura e pureza de linguagem.

As principais figuras do *Mundo Novo*, — Leonor e Paulo — são admiráveis de inteligência, energia e sinceridade.

AUTORES FRANCESES

A literatura francesa é incomparavelmente mais abundante que a portuguesa.

Pondo de parte, é claro, algumas obras de crítica aos costumes modernos e certos romances chamados *cosmopolitas*, que atingem o cúmulo do *realismo* e do impudor, tantos nas descrições e imagens, como no enredo, ficamos ainda numerosos livros cheios de beleza e encanto, a que não falta, também, imprevisto e originalidade.

Começaremos hoje indicando alguns que contam já dezenas de edições a atestar o seu valor e agrado certo.

Em breve falaremos dos que teem aparecido ultimamente.

SUR LA MANCHE

PIERRE DE COULEVAIN

ESTE livro tem já bastantes anos, mas nem por isso perdeu a oportunidade.

Escrito em forma de diário íntimo, é a história duma mulher a cuja existência a dor imprimiu uma nova e mais segura directriz.

Nele se aprende a aproveitar o sofrimento

como factor de energia e serenidade para as lutas da vida, e de indulgência para as fraquezas dos outros.

A sua autora, — porque Pierre de Coulevain é um pseudónimo, — possui notáveis qualidades de observação e tira dos diversos acontecimentos que marcam, por assim dizer, o destino das criaturas, conclusões de que podemos discordar, em parte, mas que são, na verdade, muito curiosas e interessantes.

LES SERMENTS ONT DES AILES...

PAR L'AUTEUR DE «AMITIÉ AMÉREUSE»

ROMANCE comovente e bem feminino que mães e filhas lerão com prazer e enternecimento, conta-nos como uma pobre rapariga, sózinha, abandonada de todos e sem outros recursos além da sua inteligência e coragem, alcançou a felicidade, sem se desviar nunca do caminho da dedicação e honestidade que a si própria havia traçado.

ROSA SILVESTRE

TALVEZ porque notasse ter-lhe a moderna *toilette d'après-guerre* roubado parte do seu natural mistério, a Mulher — ciosa de conservar o natural encanto que esse lhe dá — foi arrancar do rol do esquecimento o véu, outrora tão presado. Contudo, não o desceu até cobrir-lhe o rosto por completo: deixou-o apenas velar os olhos, numa leve, numa vaga meia luz que lhe volve mais sedutor o olhar. Remata-se a orla do véu por um fio de espaçadas contas de ouro, redondas, lisas e lustrosas. A escolha da cor desse véu deve também ser rigorosamente feita, para que ele não vá destoar do resto da *toilette*.

FRIVOLIDADES

fantasias que a imaginação inventa e a arte realiza...

Os coletes, bordados ou não, continuam em

voga. São, realmente, tão cómodos e tão coquets, que bem se compreende os termos nós, mulheres, definitivamente adoptados. Há-os de

lãs de fantasia, há-os em pano camurça ou em *caracoule*; há-os ainda — e são os mais lindos — em veludo bordado a lã. A duretine, também bordada a lã, está, com o veludo, usando-se imenso em Paris, para os coletes sem mangas. Sendo o veludo o tecido escolhido, borda-se a sêda grossa, de cores. Por baixo, o vestido de tom condizente, e com mangas compridas (pode este apenas, para maior comodidade, ter a saia e as mangas, presas a um fôrro que forme o corpo) produz um efeito de elegância unido à mais graciosa simplicidade.

Do calçado, complemento de *toilette*, diremos apenas que a pele de serpente, combinada

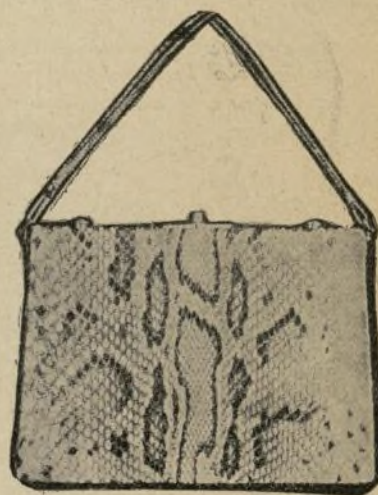


Como vimos, as saias talhadas em forma de *godets*, voltaram a usar-se e com razão: poucas linhas tão elegantes tem inventado a Moda nestes últimos vinte anos. A saia em *godets* é graciosa, é bonita, é cómoda. Fica bem, seja ela cortada em sarja, em lã ou em veludo...

É de rigor usarem-se os vestidos de *soirée* muito mais compridos que os outros: a Moda firmou o édito. Patou, Lauvin, e outros gran-



des costureiros de Paris estão lançando interessantíssimos, invulgares modelos, em que a fantasia impera. Saías de muitos folhinhos; saías mais compridas dos lados que à frente e atrás; vestidos rematados por uma longa faixa, que dum ombro pende, arrastando pelo chão... Mil



com o polimento, continua em grande voga. De gosto requintado é o sapato de cabedal azul meio-escuro, que véizes dourados avivam e atacadores do mesmo tom de azul laçam com agulhetas de ouro.

Rematando a meia *Guy* — a mais *chic* — temos a liga *Pompadour*, a fechar-se em uma pequeníssima rosa de toucar, feita de sêda de pálido tom...

A isto se chama «frivolidades». E contudo bem injusto é este nome: Se até a menos frívola das mulheres conhece quanto importa —



para fazer valer toda a sua elegância e toda a sua beleza, — a linha perfeita dum vestido e o perfeito harmonizar de cada complemento do seu traje!

FINETTE





As duas passam, o outono vai quase em meio e a linha geral das coisas, pouco se modifica e quando aparece qualquer inovamento, resulta o um revezamento da linha principal, mas simplesmente uma variação da mesma. Isto que poderia dar-nos a impressão de falta de engenho para inventar as coisas das coisas que lancam a moda, e apenas a consequência da arte com a mesma linha. Não se renega porque não há necessidade. Fora isto porque se lê o livro e encontra-se o perfil das coisas, o requinte máximo na forma de veludo. Não a moda há de variar eternamente. Mas é um facto incontestável que ela adquiriu uma certa estabilidade que lhe não era peculiar. Sentamos que esta qualidade não deva a comodidade

do traje feminino, hoje bem em harmonia com as exigências da vida moderna. Se por isto cremos a moda quasi estacionou. Mas não nos fustos cremos. A fora prepara o salto e, como sempre, quando se renova com forças para alisar o existente em para harmonizar com qualquer flaque, que deixara de ser apenas seja "moda". Espontaneamente este salto, era "avanço", deste modo também abastado e enquanto não surge a inovação a dissonância sem, ressonar os modelos que a estação nos apresenta e que bem gerencem os olhos curiosos e complexos duma mulher elegante. E não se para as mulheres a moda cria leveza, na mais simples toilette, há o que que seja de "raffine", que recomenda os modelos do outono completo. Maria Lucia



Folho e veludo

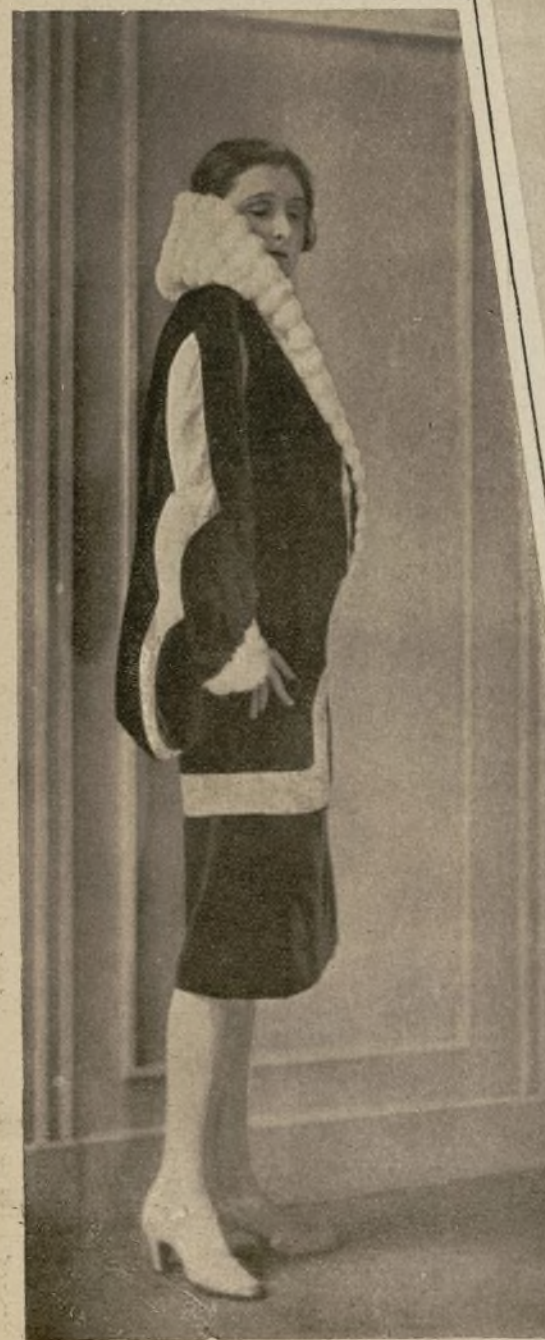


Chapéu em veludo Opera

Modelo Coco Marson



"Taupe", preto de Lewis, roseta fita rosa



Vestido em renda

Casaco em cava coule e va gondi
Maison Verger



Uma sala do castelo de Louveciennes Foto M. Ferron

Veludo e renda

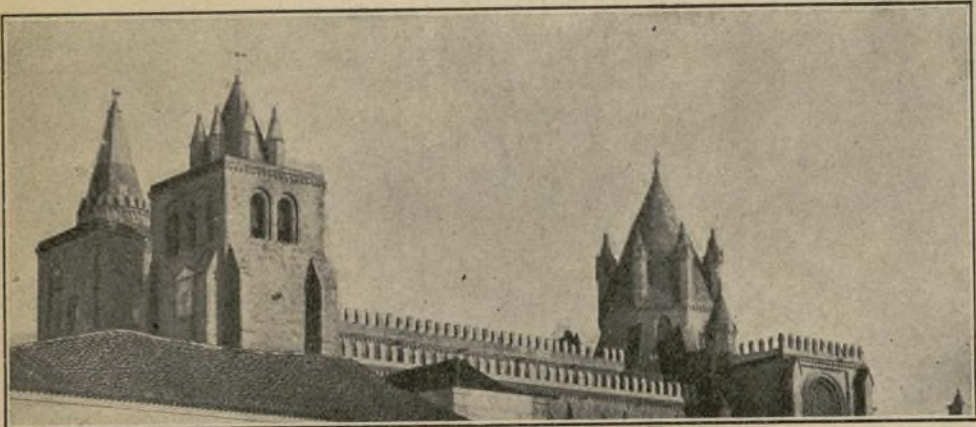
O NOSSO PRIMEIRO "RAID"

FECHEU-SE o primeiro elo duma grande cadeia. A casa Aillaud, editora das três revistas de maior expansão em Portugal, quer pôr-se em contacto directo com todo o país, levando a cada terra, e pela voz dos seus redactores, uma saudação aos seus agentes e leitores. Depois, e como consequência dessas visitas, nas colunas das suas publicações dirá a todo o país onde está um monu-

meio «raid» bastaria para nos alentar nessa cruzada patriótica. Por toda a parte ouvimos elogios sinceros à nossa obra, e só palavras de incitamento nos foram ditas nas cidades e aldeias por onde passámos.

A nossa obra tinha sido compreendida. Obra de trabalhadores agradara aos seus irmãos de luta.

Luta diferente. A deles a desbravar charne-



mento que é preciso conservar, onde está um progresso industrial que necessita fomento, onde uma industria que seja necessário proteger.

Ilustração, Magazine, Voga, sem perderem o seu carácter especial, serão três arautos, arautos de voz clara, das necessidades, dos progressos e das aspirações da Terra Portuguesa. Mesmo que uma boa vontade nos não animasse já antes da partida, o resultado do pri-

cas, a nossa a descobrir aos olhos dos portugueses um Portugal desconhecido.

Foi por isso que o Alentejo nos recebeu carinhosamente e compreendeu bem a nossa missão.

Que nestas colunas fique bem expresso o nosso reconhecimento pelas gentilezas recebidas e, fieis ao nosso programa, não dizemos ao Alentejo o adeus das separações, dizemos unicamente: Até breve!

PRÓ E CONTRA AS MULHERES

PENSAMENTOS DE MUITOS HOMENS

COMENTADOS POR UMA MULHER

Na mulher a intuição é freqüentemente superior à razão. Mulheres há que, mal sabendo raciocinar, adivinham, contudo, coisas que escapam à clara inteligência do homem mais culto.

GUSTAVE LE BON.

Quando a mulher juntar a essa intuição a cultura, por quem será governado «o mundo»?

* *

Na esfera da actividade a mulher é superior ou inferior ao homem; raras vezes lhe é igual.

GUSTAVE LE BON.

Na esfera da actividade útil é superior; na outra é conscientemente inferior.

* *

O homem só crê na mulher quando ela mente. Desta arte, obriga-a muitas vezes a mentir.

GUSTAVE LE BON.

Logo o homem é o pai da mentira...

* *

Em questões de arte e de «toilette» as mulheres raro tem originalidade: deixam-se, geralmente, suggestionar.

GUSTAVE LE BON.

Pudera, se elas raras vezes se vestem para si mesmas!

* *

A mulher ainda depende demasiadamente do instinto para poder preferir a glória ao amor mais mediocre.

GUSTAVE LE BON.

E quem pode assegurar que um amor, mesmo mediocre, não seja menos abstracto que a mais lídima glória?

* *

A mulher raramente cria a arte, mas é ela quem, sobretudo, insufla no homem a alma do artista.

J. MICHELET.

Não é bem assim. O homem é um leque fechado que só se abre para uma mulher ver.

* *

A mulher é toda uma religião. Nas crises depressivas da religião é a mulher quem nos conserva o sentimento de Deus.

J. MICHELET.

Sim, porque os homens, mesmo os herejes, precisam sempre adorar qualquer coisa, para terem contra quem pecar.

Em compreensão, firmeza e perspicácia, a mulher leva a palma ao homem. Mas quando é que o «Génio» entrou no domínio feminino? A este respeito, há entre a mulher e o homem a mesma diferença que se nota entre o actor e o autor.

GEORGE COURTELINE.

É falso. As peças em que entra a mulher como autor e o homem como actor representam-se sempre em família, por isso o público não as conhece...

Há muito génio de sáias que pede calças emprestadas para vir à rua.

* *

Não sabeis, porventura, o que é o coração da donzela, frágil vime que se dobra e estremece ao ténue sopro da brisa mais subtil?

ALFREDO DE MUSSET.

A imagem é velha e pobre mas como a intenção é boa, «une bonne poignée de mains» ao Alfredo de Musset.

* *

A mulher é, de toda a criação divina, a única obra que ficou por acabar. É um anjo imperfeito, que Deus repudion.

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

Contudo, essa parte angelica, que será pouco para Deus, poderá, guardadas as distâncias, ser demais para o Homem...

* *

O homem não foi criado para a mulher; mas a mulher foi criada para o homem.

SÃO PAULO.

E ele tem estragado a herança...

* *

Todo o mal que há no mundo procede da mulher.

SÃO JERÓNIMO.

Pudera, se ela é a mãe do Homem!

* *

A mulher é, por natureza, um ente leviano, impudente, orgulhoso, dissoluto, vingativo, teimoso, tagarela, ocioso e maledicente.

D'AUBIGNÉ.

É cobardia, por causa duma só mulher, descreditar metade da humanidade. N'est-ce pas, Monsieur d'Aubigné?

A mulher pertence ao homem como as árvores dum jardim ao seu dono.

NAPOLÉÃO I.

Perdôa-se-lhe a vaidade porque morreu em Santa Elena como se fosse uma árvore dum jardim inglês.

* *

Graça no andar; nos olhos o azul do céu; e nos movimentos toda a dignidade do amor — eis a Mulher.

MILTON.

É pouco... mas Milton era poeta e não precisava saber mais...

* *

Não há convívio mais delicioso do que o de uma mulher que alia à beleza a honestidade.

LA BRUYÈRE.

Infelizmente, essa opinião só consegue adreptos nos homens de idade provecta...

* *

A mulher é como o zangão, que devora o mel fabricado pela abelha. Júpiter deu ao homem a mulher, para que esta lhe dobrasse o peso do trabalho diário.

HÉSIODO.

Este Hesíodo devia aborrecer as mulheres gregas com oferecimentos intempestivos, não acham?

* *

Não é tanto pela acção, mas sobretudo pelo sofrimento, que a mulher paga o seu tributo à Vida.

SCHOPENHAUER.

A Vida, só a Vida, estava bem, mas ela paga geralmente esse tributo ao homem que lho exige...

* *

De todos os seres existentes no mundo, a mulher é o único a amar o homem só por ele, com absoluto desinteresse.

DIDEROT.

Quando uma mulher ouve uma verdade em seu abono, dita por um homem, grita com o sábio — Eureka!

* *

Longe do homem, a mulher não age, agita-se apenas.

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

Haja vista às viúvas que sustentam a prole, as irmãs da caridade que regem hospitais e a tantas outras, tantas, que são a providência de famílias inteiras.

* *

A mulher é uma flor que só na sombra exala o seu perfume.

LAMMENAIS.

E talvez por isso que os homens gostam de as ter fechadas a sete chaves...

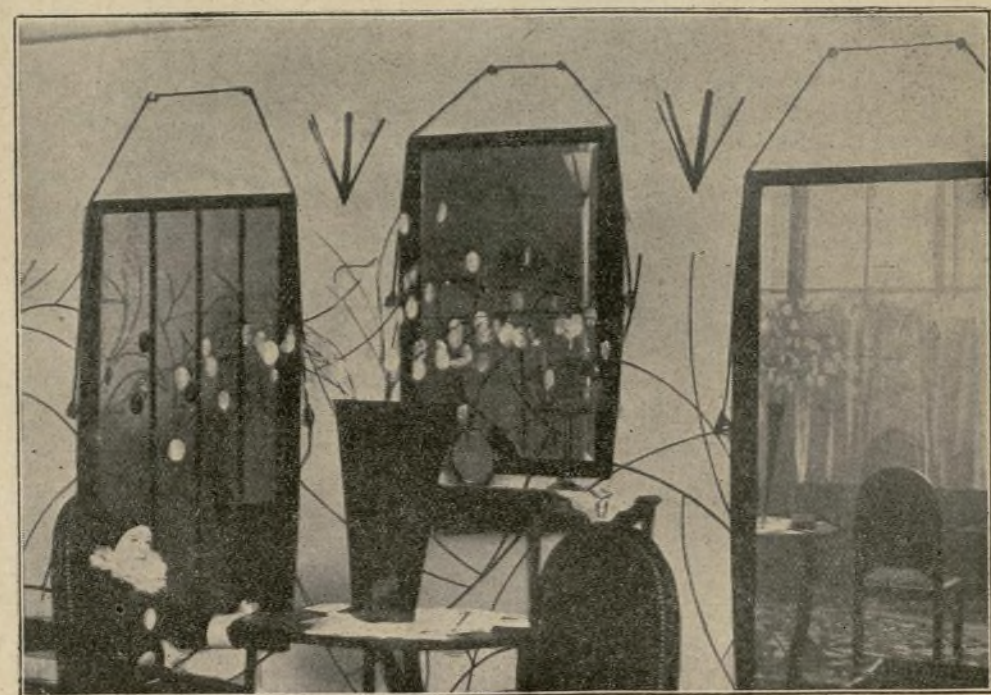
* *

Na alta roda da sociedade todas as mulheres sabem representar a sua comédia.

BALZAC.

Comédia, drama ou tragédia, não é verdade?

* *



TATÁ APRESENTA A APRECIACÃO DAS GENTIS LEITORAS DA «VOGA» UM POUQUINHO DA SUA CASA E TODA A ARTE QUE PRESIDIU A MONTAGEM DA MAIS ORIGINAL «BOITE» DA ACTUALIDADE

CHAPEUS

DE SENHORA E CRIANÇA
PALHA, FELTOS E SEITINS
ULTIMOS MODELOS
TINGEM E TRANSFORMAM
OFICINA ANEXA
PELAYO RODRIGUES, L.^{da}
Rua Augusta, 220, 1.º — Telefone N. 4204
LISBOA

Se as fraquezas do amor são perdoáveis, perdoemo-las sobretudo à mulher, que pelo amor tudo domina.

VAUVENARGUES.

O amor feminino nunca tem fraqueza. Esta palavra foi inventada pelos homens. Na mulher, o amor é uma dádiva quasi nunca lançada no livro de «Caixa».

Comentários de FRANCISCA DE AYRE.

* *

A ACTIVIDADE ARTISTICA DA MULHER

As pintoras francesas escolheram o «atelier» de Manuel Frères (o fotógrafo elegante da «Voga»), para realizar a sua exposição.

A actividade feminina dos últimos anos justifica plenamente esta atitude.

Uma exposição de pintura, exclusivamente dedicada à elaboração da arte feminina, embora chame a atenção para o desenvolvimento que a arte deve às mulheres, não como inspiradoras, mas numa feliz realização da sua sensibilidade e do seu talento, ainda não é tudo.

Em todas as modalidades artistas a mulher tem obtido magníficos triunfos. A modelação já não é só um campo de lindas tentativas onde as mãos da mulher revolteiam, esmagam, primeiro, num capricho de formas, depois na realização indecisa de atitudes de beleza. São já afirmações que assinalam vitórias: Nas outras artes o mesmo.

No último Salon de Outono revelaram-se muitas mulheres, em magníficos trabalhos de ourivesaria e marcenaria.

As porcelanas, as faianças, que exigem esforços quasi de abnegação, tem nas mulheres apaixonadas cultoras...

Enfim, no catálogo da exposição aberta no «atelier» de Manuel Frères, entre as suas afirmações mais expressivas, não podemos deixar de destacar esta:

«Na pintura não há generos, no sentido gramatical. Assim entendemos que não há pintura de homens, nem pintura de mulheres, mas simplesmente pintura...»

A exposição prova-o bem...

* *

—Suas filhas não gostam de ler?

—Quere que tomem gosto pela boa leitura?

—Dê-lhes o

MAGAZINE BERTRAND

* *

GR

N.º 100...
nões. Po...
ciar-se da...
dos pró...
um sentin...
dissimula

N.º 101...
dos, activ...
nário, im...
doçura qu...
petos viol

N.º 102...
vidade, i...
aos impul...
Falta d...
e desequi

N.º 103...
pírito sen...
do econo...
Entusia...
uma certa

N.º 104...
nomia con...
pre vence...
da sua tó...
crédula...
lentes qu...
ramento

N.º 105...
vidade na...
tada e co...
Faculda...
Perigos...
tar da fa...
e estudo...
N.º 106...
reflectida

LIÇ...
I...

POR BO...
Rua...

tar-se sen...
ações.

Desejo...
tenaz e d...
futuro.

N.º 107...
rada e há...
meios. M...
ideias e n...
carácter

N.º 108...
intelectua...
resultante...
tigante...
Espírito...
roso.

N.º 109...
vada e d...
de sentin...
mido por

N.º 110...
za, emoti...
Simple...
Um bon...
vra.

N.º 111...
de doenti...
desejo de...
Combat...
rito, ativ

N.º 112...
nucia...
Intelect...
reprimido...
tabilidade

N.º 113...
e decidid...
Sequên...
discreção...
Energia

N.º 114...
vaidosa d...
trabalho...
Suscept...
pírito ali...
Imagina

N.º 115...
nhos deve...
cido de to...
O «pres...
de aprova...
tar domin...
rias.

O futur...
racterístic...
afirmar-lh

N.º 116...
e boa con...
des e def

GRAFOLOGIA UM "SWEATER" SEM MANGAS

N.º 100 — *Sora* — Rigidês de carácter e opiniões. Ponderação calma. Tendência a distanciar-se da turba anónima pelo convencimento dos próprios méritos, embora prejudicada por um sentimento de desânimo que em vão tenta dissimular.

N.º 101 — *Meu Gatinho* — Império dos sentidos, actividade de espírito. Carácter, de ordinário, inflexível mas vencido por acessos de doçura que arrefecem sobremaneira os seus ímpetos violentos.

N.º 102 — *Zézé M. F., P. D.* — Energia, actividade, imaginação exaltada com tendências aos impulsos irreflectidos e perigosos. Falta de prudência, nervosismo, verbosidade e desequilíbrio emocional.

N.º 103 — *Fernandez* — Simplicidade, um espírito sensível e desinteressado, embora sabendo economizar os seus valores. Entusiasmo e bom-humor natos aliados a uma certa ambição ferverosa e inofensiva.

N.º 104 — *G. V. A. — Lisboa* — Luta da economia com a dispensividade mais forte e sempre vencedora. Orgulho, vando o mundo do alto da sua torre de marfim. Demasiado franca e crédula. Firmeza de carácter e decisão. Exce-lentes qualidades prejudicadas por um temperamento traçoireiro e indisciplinado.

N.º 105 — *Zita* — Impressionabilidade e actividade natural. Vivacidade um pouco precipitada e colérica. Faculdades assimiladoras. Perigos futuros: todos os que poderão resultar da falta de prudência, calma, ponderação e estudo cauteloso de qualquer decisão. N.º 106 — *Príncipe de Gales* — Dissimulação reflectida, preocupação constante em apresen-

LIÇÕES DE BORDADOS
Em curso ou particular
POR BORDADORA BEM HABILITADA
Rua da Bempostinha, 40, 1.º

tar-se sempre correcto em atitudes, palavras e acções. Desejo de aperfeiçoamento pessoal, vontade tenaz e dirigida principalmente no sentido do futuro.

N.º 107 — *Lilian* — Falta de economia ponderada e hábitos de despeza, embora com poucos meios. Mobilidade de impressões, agilidade de ideias e malícia ocasional provocada pelo seu carácter susceptível e desejoso de aprovação.

N.º 108 — *«Meia folha escrita»* — Actividade intelectual. Rigidês subordinada à precipitação resultante de uma vida bastante ocupada e fatigante. Espírito correcto, conciso, material e vigoroso.

N.º 109 — *Dondóquinha* — Afectividade reservada e discreta. Economia intensa, moderação de sentimentos e desequilíbrio nervoso reprimido por um evidente domínio mental.

N.º 110 — *«Sourire Enigmatique»* — Franqueza, emotividade, energia e saúde. Simplicidade generosa e sincera. Um bom grafismo em toda a acepção da palavra.

N.º 111 — *«Triste Desiludida»* — Sensibilidade doentia, falta de confiança em si própria, desejo de aprovação. Combatividade impulsiva e fraqueza de espírito, altivo e incompreensível.

N.º 112 — *«Cesário»* — Ordem, polidês e minúcia. Intelectualidade culta e ambiciosa. Orgulho reprimido e dissimulado. Uma parcela de irritabilidade e precipitação.

N.º 113 — *Moreninha* — Afectividade sincera e decidida. Sequência de ideias, dispensividade relativa e discreção. Energia, vontade e grandes aspirações.

N.º 114 — *Avósinha* — Orgulho e pretensão vaidosa dominada por dilatadas faculdades de trabalho intelectual. Susceptibilidade exaltada e actividade de espírito aliada a um perfeito cavalheirismo. Imaginação um pouco desregrada.

N.º 115 — *Zinho* — Do «passado» ainda «zinhos» deve estar lembrado porque não é esquecido de todo. O «presente» resume-se num grande desejo de aprovação e aperfeiçoamento pessoal a tentar dominar os seus instintos violentos e maternas. O futuro... a Deus pertence, mas os seus característicos morais oferecem-me ensejo para afirmar-lhe que será próspero e ditoso.

N.º 116 — *Marimília* — Amabilidade, justeza e boa compreensão das suas próprias qualidades e defeitos.

ROSETAS de *crochet* de seda artificial matisada, compõem este lindo casaco. As rosetas são unidas com quadrados num perfeito contraste de matiz, e um debrum de meio ponto em *crochet* da mesma cor orla o casaco.

SÊDAS A EMPREGAR

Schuanem, Strick, und Häkel, Kunst-Seide. 50 gramas. As cores que melhor ficam são: lilás ou rosa-velho.

MEDIDAS

Do ombro até abaixo, incluindo o debrum, 69 centímetros; contorno, incluindo o debrum, 42 centímetros.

* *

Este lindo casaco sem mangas é composto de rosetas e meias rosetas feitas em seda artificial matisada; quadrados e meios quadrados em cor, fazendo contraste. Estes, são cosidos juntamente, e depois, um

2.ª carreira — 6 abertos com uma malha de intervalo.

3.ª carreira — 2 fechados dentro de cada aberto e um em cima do fechado.

4.ª carreira — 18 abertos com uma malha de intervalo.

5.ª carreira — 1 ponto dentro de cada aberto e um sobre o fechado. Fazer 13 meias rosetas.

MANEIRA DE FAZER UM QUADRADO

Empregar a seda de cor lisa. Começar por 6 malhas e fazer uma argola.

1.ª volta — 3 malhas e mais 15 fechados.

2.ª volta — 4 malhas, um fechado, uma malha, um fechado repetindo até ficar como indica a figura. Fazer 52 quadrados.

MANEIRA DE FAZER MEIO QUADRADO

Começar por 6 malhas e fazer uma argola.

1.ª carreira — 3 malhas e mais 9 fechados dentro da argola.

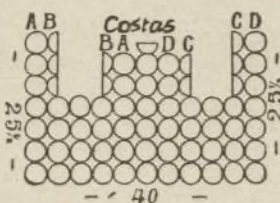
2.ª carreira — Um fechado no segundo fechado, 3 malhas e um fechado, 3 abertos com uma malha de intervalo, um aberto com três ma-



debrum de meio ponto em *crochet* é feito em volta do casaco e das mangas. Cada roseta em tamanho natural deve medir 9 centímetros.

MANEIRA DE FAZER AS ROSETAS

Emprega-se a seda matisada. Começar com 6 malhas e fazer uma argola. 1.ª volta — 12 pontos dentro da argola. 2.ª volta — 12 abertos com uma malha de intervalo.



3.ª volta — 2 fechados dentro de cada aberto e um em cima do fechado. 4.ª volta — 36 abertos com uma malha de intervalo. 5.ª volta — Um ponto dentro de cada aberto e outro sobre o fechado. Fazer 56 rosetas.

PARA FAZER AS MEIAS ROSETAS

Começar com 6 malhas e fazer uma argola. 1.ª carreira — 8 pontos dentro da argola.

Domínio pessoal, reserva e uma certa dissimulação dirigida principalmente no sentido de adquirir as simpatias de todos, o que nem sempre consegue.

N.º 117 — *«Madre-silva»* — É a Marimília mascarada de Mulher Fatal, a pensar: — Agora ninguém me conhece!

lhas, e mais 3 abertos com uma malha e um com três malhas.

ACABAMENTO

Coser as 56 rosetas e meias rosetas juntamente, conforme se vê no desenho. Depois pregar com alfinetes a um papel a fim de ajustar as medidas, engomando pelo avesso com um pano húmido por cima. Engomar os quadrados e meios quadrados.

Coser roseta e meia roseta em cada frente (marcadas A B e C D no desenho) correspon-



dentes rosetas e meias rosetas das costas, também à meia roseta nas costas ao pé do pescoço.

Coser uma meia roseta à roseta de cada cava. Coser quadrados no meio das rosetas em baixo em volta, 6 entre rosetas em cima de cada frente. Com a cor lisa, fazer 8 voltas em meio ponto de roda da cava e oito de roda do casaco, aumentando, se necessário for, na roseta do canto de cada frente para conservar o debrum liso.

Engomar o debrum com pano liso.

N.º 118 — *Maria Suécia* — Benfica — É ainda e sempre a Marimília, mas desta vez conhece-a pela... fala! Decididamente, não tem vocação para falsificadora.

N.º 119 — *«Aonia»* — Tendência ao exagero e falta de harmonia emocional.

Depressão combatida por um espírito, de ordinário, activo mas hesitante, e bastante alheio ao meio que o rodeia.

N.º 120 — *«Uma Julieta Infeliz»* — Os mesmos característicos do grafismo anterior inscritos num estado mais calmo e menos precipitado.

N.º 121 — *«Lia do A., N.º 1»* — Simplicidade de espírito um pouco prejudicada por uma certa exterioridade original. Bondade e ordem de ideias que uma certa timidez não permite sobressair.

N.º 122 — *«Lia do A., N.º 2»* — Energia e actividade de espírito. Orgulho e egoísmo reprimido e agitado. Precipitação e combatividade colérica.

N.º 123 — *«Leãozinho»* — Actividade emocional. Sensibilidade e pretensão. Um pouco de vaidade resultante da consciência das suas boas faculdades de trabalho. Economia e discreção. Verbosidade e reserva relativa.

N.º 124 — *Juvenal* — Emoção exagerada e insofrida.

Imaginação ardente e exaltada por um sentimentalismo que o seu físico não consegue materializar. É essa a consequência da extraordinária vibração que agita todo esse ser apaixonado e perigosamente impulsivo.

O seu espírito paira além das realidades da vida e como o seu temperamento se arrasta terra a terra impetuoso, a sua alma singra sem rumo definido na histeria dolorosa que gera a loucura ou o suicídio.

N.º 125 — *G. Sousa* — Egoísmo reprimido, dignidade e frieza resultante de alguns desalentamentos inevitáveis. Bondade e constância.

N.º 126 — *Jorge de C.* — Temperamento vigoroso e decidido. Uma determinada dissimulação mais diplomática do que rude. Dedicção, eco-

ATELIER "ELITE"
VESTIDOS E CONFECÇÕES

Executa quaisquer modelos com perfeição e elegância — Preços modicos
RUA JOSÉ FALCÃO, 29, rez-do-chão — LISBOA

nomia e discreção. Os meus agradecimentos pela sua oferta aos pobres.

N.º 127 — *Flôr de Santarem* — Altez, esperança ferverosa e por vezes exaltada. Nervosismo e precipitação ocasional.

N.º 128 — *Carta Irmã* — Verbosidade, agitação irreprimível e egoísmo claramente definido nas suas atitudes. Incapaz, porém, de prejudicar seja quem for.

N.º 129 — *Lude, Lisboa* — Os seus defeitos resumem-se numa pontinha de mau génio e também num certo orgulho aliás natural. O seu temperamento indisciplinado merece a melhor atenção. Cautela com as precipitações.

N.º 130 — *Klu-Klu-Klan* — Mentalidade forte em nervos rebeldes e naturalmente desobedientes. Espírito lucido e concreto.

N.º 131 — *Uma que adora um Chico* — Dignidade e aparência cautelosa, sabendo sempre apresentar-se correcta e atraente. Metódica e simpática mas... demasiado afectuosa e passional.

N.º 132 — *Cábula Universitário* — Afectividade natural e sincera. Um temperamento traçoireiro e de difícil «control», mas verdadeiramente bondoso e «português». Precipitado e fatalista, mas se cultivasse uma maior calma de método, triunfaria facilmente.

N.º 133 — *Sempre aborrecida* — Espírito um pouco copista mas de fácil adaptação. Branda e uma ostentação desculpavel na sua idade. Vive em dissonancia com o meio numa irritação inexplicável.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

HISTÓRIA SIMPLES

O céu está muito alto, não está mäsinha?

— Está sim, meu filho; pois tu querias lá ir?

— Querias?

— Para quê?

— Para ver os anjinhos, e o menino Jesus, e as estrélas; deve ser tão bonito! Eu gostava tanto de ver tudo isso, não se pode lá ir?

— Pode sim, meu amor, mas é muito difícil. Só lá vai quem morre, e só aqueles que foram muito bons cá na terra. Há-de lá ir um dia, mas só daqui a muitos anos, quando Deus Nosso Senhor mandar.

— Porquê?

— Porque Ele é que nos dá a vida e nos chama para Ele quando morremos. Pois tu querias deixar-me Manulito? Queres morrer, já não gostas da tua mäsinha?

E Maria, dizendo isto, estreitava a si a criança, beijava os cabelos loiros, como os do pai que ela tanto amara em tempos, quando da vida só conhecia a beleza; alegre como a toutinegra acordava com o sol, enchia a casa com o seu sorriso, feliz por sentir-se moça, fresca e sábia.

Os seus dezaseis anos tinham sido lindos, povoados de sonhos, porque aquela alma simples adorava o campo, a serra, e quando em cachopita ia guardar o gado, umas cabras que pertenciam à velha Tia Genoveva, quando se encontrava sósinha, flôr entre as flôres, corria, saltitava no meio dos penedos, e a sua voz cristalina cantava:

«Foste ao Senhor da Serra
E nem um anel me trôveste
Nem os muros da Mourama
Fariam o que tu fazeste.»

Todos a saudavam quando a viam passar a rir, e lhe diziam:

— Adeus Maria, Deus te acompanhe cachopa!

— Adeus ó Ti Zé, vou apanhar alguma lenha para a minha Tia, ela vai ficar tão contente! Adeus.

E enquanto pastavam as cabras, ia apanhando a lenha, depois num ribeiro, ia lavar as mãos alvas como o linho, e sentava-se a fazer meia debaixo de alguma árvore.

As vezes adormecia pelas tardes quentes do estio, as cabritas lá andavam... ninguém lhe podia fazer mal, ela era tão pura! A seu lado estava deitado o seu grande amigo Fiel, com o qual repartia a merenda; era o seu companheiro, seguia-lhe sempre os passos, quer ficasse no campo ou fôsse à vila.

Outras vezes abandonava a meia e ficava-se pensativa, contemplando a Serra, o poente que morria devagar, e Maria sempre tão alegre, desatava então a chorar, sem saber porquê, talvez porque a melancolia da hora presente a envolvia toda numa carícia doce, que lhe avertava o coração, mas de que ela gostava. Algum mau preságio, quem sabe? O mistério das coisas desconhecidas.

Um dia Maria, à medida que ia fiando na roca e se entregava ao sonho da sua alma, sentiu-se interrogada por um desconhecido que a chamou bruscamente à realidade:

— Boas tardes, menina. Sabe dizer-me qual é o melhor caminho para ir à vila?

Erguendo-se de súbito, encarou um rapaz alto, alourado, de porte distinto, que a olhava insistentemente; còrou muito e foi indicar-lhe o caminho que conduzia à vila. Ele agradeceu-lhe dizendo que era mais linda que todo o rosmãinho da Serra de que tinha o perfume.

Maria nunca ouvira um galanteio. Os rapazes da terra consideravam-na ainda uma criança, embora ela tivesse da mulher toda a graça e a beleza, nunca ninguém lho dissera; e como ela andava sempre vestida com singeleza, com uma blusinha clara e uma saia de muita roda, ninguém reparava nela.

E no entanto nenhuma rapariga do lugar possuía a sua beleza. Era de estatura média, de tez branca, uns grandes olhos negros, e a emoldurarem-lhe a oval do rosto, uns cabelos ondedos còr de azeviche, caíam-lhe em duas pesadas tranças. E como era airosa quando passava com seu andar miudinho, os pésitos nus pelos dias cálidos de verão.

A frase lisongeira do desconhecido voltara-lhe repetidas vezes à mente; era com prazer que o espírito da pastorinha recordava a figura varonil que tanto a enfeitara.

Passaram dias, o rapaz voltou; eram ambos novos, e no convívio daquela paisagem forte sentiam-se irresistivelmente impelidos um para o outro. Em Maria era um sentimento delicioso que a invadia a mais e mais, na ignorância do mal; feliz por amar e sentir-se amada por aquele moço desempenado, cuja vez era meiga e penetrante.

Para Júlio, Maria era a flôr que ainda ninguém colhiera e que ele cubicára desde o primeiro dia que a viu sentada entre as urzes, e a quem vilmente encantara com a sua voz e os artifícios de rapaz rico e ocioso.

Tinha sido fácil conquistá-la, era ingénua, quasi ainda uma criança; ele, filho dum rico banqueiro, conhecia o seu poder de conquistador; formára-se em direito na Universidade de Lisboa; agora estava em férias, queria aproveitá-las. Esta aventura seria diferente de todas as outras e a torná-la mais atraente, um cenário romântico.

São decorridos nove anos; Maria vive hoje sósinha com o seu filho Manuel. A velha Tia Genoveva morreu de desgosto ao ver o abandono da sobrinha, a quem queria como filha.

A custa de muito trabalho e de muitos sacrifícios, conseguiu criar o filho e viver honestamente.

A casita é pobre, mas em tudo vê-se um grande asseio, a um canto uma arca antiga onde arrecada a roupa perfumada a alfazema, é ela quem executa a roupa branca das senhoras da vila, as suas mãos ageis cosem todo o dia camisas alvas, finas, que ela leva depois prontas; em seguida trata do arranjo da casa, faz a comida, e ao serão ensina Manulito a ler, pois já tem sete anos. É a cara do pai, e Maria receia que ele herde o gênio leviano e as más qualidades; mas confiante em Deus que nunca a desamparou e numa boa educação, talvez lhe dê um carácter digno.

Tinha terminado um casaco para o filho e descansando o trabalho ficara-se scismando...

É noite. Lá fora o luar puríssimo envolve a terra num manto de prata. Maria arruma a costura, chama o filho, despe-o devagar e faz uma prece a meia voz. O Manulito não tem sono e preferia ficar a conversar com a mãe; e voltando para ela os olhos interrogadores, diz-lhe:

— Eu hoje não vi o António, porquê? Quando vinha da escola passava por ele e sempre me dava qualquer coisa, às vezes maçãs, outras vezes nozes, porque será que ele agora já não aparece, mãe?

Ela desviava o rosto contrariada e respondia-lhe contrafeita:

— Não sei... naturalmente foi à vila fazer compras e volta qualquer dia, amanhã ou depois.

António era um moço forte, trabalhador, de tez morena, possuía alguns bens, entre os quais um pomar que ele próprio cultivava; tinha vinte e cinco anos; as raparigas da terra achavam-no simpático, e nos bailes todas queriam dançar com ele.

Mas nenhuma dessas lhe agradava, o coração batia-lhe por uns olhos negros, tristes, que ele via sempre que voltava do trabalho, na sombra de uma janela, e já algumas vezes tentara dirigir a palavra à dona dêles ao sair da missa; ela, porém, cumprimentava-o, abaixando logo o rosto.

Há muito ele se sentia só. O seu maior sonho consistia em ser amado por essa mulher, e chamar seu o pequeno que outro despresara.

Quando avistava a criança falava-lhe, dava-lhe fruta das suas árvores e quando a via fugir ficava-se a olhar pensativo.

Maria também o amava, mas a medo. Tinha sido tão infeliz com o seu primeiro amor, dos homens conservara um receio, uma grande desconfiança, vivia toda entregue ao seu filho, unicamente para ele!

Um dia o Manulito, ao voltar da escola, fôra dar uma volta no campo e querendo levar à mãe umas pinhas, trepára a um pinheiro. A haste frágil, vergára ao peso da criança. Ainda se quiz equilibrar mas em vão, o galho quebrou e o pequeno caiu.

António, que vinha do trabalho, passara perto e ouvindo os gritos acudiu logo apressado:

— Então que foi isso, andavas aos ninhos, maroto?

— Não senhor, tinha ido apanhar umas pinhas para levar à mãe, e nisto caí daí abaixo. Ai! a minha perna, a minha perna que me doe tanto!

— Anda, meu velho, não chores, deixa ver; tens um joelho ferido, isso não é nada, agarra-te ao meu pescoço e vamos para casa da mäsinha.

E lá foi com o pequeno, tão satisfeito de ir ao colo do seu amigo António, tão contente que já não chorava, que já lhe não importava ter caído da árvore. Era tão bom sentir o balanço produzido pelo passo cadenciado daquele rapagão forte que apertava o corpo do garoto, falando-lhe carinhosamente!

Daí a momentos chegaram a casa; Maria, em cuidados pela ausência do filho, assomara à porta, e toda trémula de o ver nos braços de António, perguntou de longe o que havia sucedido.

Após a narrativa da queda, António, atrapalhado, enrolava o chapéu nas mãos, não encontrando já que lhe dizer. Maria agradeceu-lhe comovida, quer ainda falar e não pode, ficaram-se a olhar um para o outro.

O tempo foi passando nos trabalhos da lavoura, na esperança da azeitona; as árvores carregavam-se de fruta, a paz do campo envolvia tudo numa doçura infinita; pelas noites quentes de estio as mulheres à soleira das portas do lugar iam conversando sobre os últimos acontecimentos.

— Já sabe, Ti Inácia, a Maria adoeceu há três dias com um esalfamento; não admira se aquela almiirra de Deus, mata-se a trabalhar para criar o filho e viver honradamente!

— Que me diz, Ti Francisca? Ela está doente e eu não sabia, coitada da rapariga! Sabe o que lhe digo? Ela devia casar, ficava amparada e até para o pequeno era bom, e ela bem o merecia, é tão boa, tão trabalhadeira e séria, nunca dá conliança a homem nenhum, Deus tenha dó dela!

Com efeito, Maria adoeceu havia três dias, o trabalho tinha-lhe exgotado as forças devido aos muitos serões que levára a coser.

Agora encontrava-se de cama, tratada pela Ti Mariana, a boa da velhinha logo que soube da doença da Mariquinhas, como ela a chamava, largára tudo e fôra tratá-la com todo o carinho; lá estava à cabeceira da doente, acon-

chegando-lhe as almofadas, dando-lhe os caldos com doçura e uns cuidados de mãe.

Havia uma semana que Maria estava de cama doente, e António andava sombrio, tristonho; todos na terra o estranhavam e perguntavam uns para os outros:

— Que tem o António, que anda tão exquísito?

— Sei lá, anda mouro na costa, lá isso anda!

Quando um amigo lhe disse um dia que Maria adoeceu, ele empalideceu, interrompeu a conversa e abandonando o grupo dos conhecidos, foi à casa de Maria, bateu à porta e pediu à Tia Mariana que o deixasse entrar, desejava vê-la, que o não enganasse, queria saber como ela estava.

E foi junto do leito, viu-a branca entre a roupa, o rosto mais delicado, e os grandes olhos febris, a sorrirem-lhe meigamente; era qualquer coisa de muito suave que lhe enchia o coração de luz; sabia que estava ali e isso bastava.

Ele disse não sei o quê, tartamudeou, apertou-lhe as mãos e foi-se embora, ébrio de alegria; tinha-a visto, ela, a casita, o filho; e sentia uma vontade de chorar...

«Maria, Maria, se soubesses como te amo!» dizia ele.

Agora todos os dias ia vê-la, levava-lhe flores, as que apanhava pelo caminho e de que ela tanto gostava, as giestas, os tojos, o rosmãinho, e Maria agradecia-lhe, e os seus olhos diziam-lhe o que os lábios não ousavam. As vezes punha-lhe no regaço um cestinho cheio de maçãs no fundo, e ovos por cima, e era tão consolador fazer-lhe bem, e vê-la, depois, sorrir comovida!

Ela ia melhorando e ele nada lhe dizia do segredo da sua alma; mas ainda não pudera falar a sós com ela, sempre a Tia Mariana; também já aborrecia!

Uma tarde em que havia falado mais que o costume, Maria, convalescente, já se levantara, a Tia Mariana tinha ido à cosinha tratar do jantar, António virase só com Maria e, depois de muitas hesitações, dissera-lhe num murmúrio, de como lhe brotara no peito aquele amor que nada pudera arrancar, depois mais baixo, quasi num sussurro:

— Menina Maria, quero ser minha mulher?

E ela que há tanto esperara aquela frase, ela que tanto o amava, deixou cafr-lhe no peito o rosto, onde duas lágrimas deslisavam lentamente.

O pálido sol de outono morria numa doçura infinita, lá fora ouviam-se os pardais nas árvores fronteiras, era o fim da tarde, mas a vida começava para António e Maria, que trocavam o seu primeiro beijo.

JULIETA GUSMÃO.

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados....		45\$40	88\$80
India, Macau e Timor.....		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		46\$40	90\$80
Brasil		36\$00	70\$00
Exemplares registados....		56\$80	111\$60
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Exemplares registados....		60\$80	119\$60

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

A MODA NAS CORRIDAS



AS SENHORAS

Cultura da estética do BUSTO por processos científicos de reconhecido êxito
DESENVOLVIMENTO, ENDORECEMENTO, REDUÇÃO E EMBELEZAMENTO DOS SEIOS
 Dissolução lenta e progressiva do tecido adiposo (GORDURAS) e desaparecimento por completo da elevação do ventre
 Centenares de Senhoras se confessam satisfeitas em face dos resultados obtidos
 Informações para a província a quem mandar selo de um escudo para resposta em carta registrada ao
LABORATORIO ORCEL
 Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

O HOMEM Claude Farrère

QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

AU RENARD ARGENTÉ

PELES DE ABAFO
 EM TODOS OS GENEROS
 Confeccões, Transformações e Concertos
 Corte rigoroso e perfeito acabamento

R. DE S. NICOLAU, 13, 3.º
 Telefone: Central 3915

Dois apertos de mão, um rude, outro insinuante, posto que vigoroso também. Este Slavo delgado, de bigodes de seda, não tem falta de músculos nem de nervos. Saem. Debaixo da ogiva de ébano, sir Archibald abaixa-se, como há pouco. Atrás, desliza Cernuicz, num passo silencioso.

Partiram. Vi-os da janela. A rua de Brussa parece-me menos triste. Apece-me sair, andar por entre a multidão, acotovelar os Arménios de nariz adunco, os Judeus polhudos, os Gregos faladores, e admirar os raros Turcos perdidos em Pera, onde as suas altas e graves figuras se testacam.

V

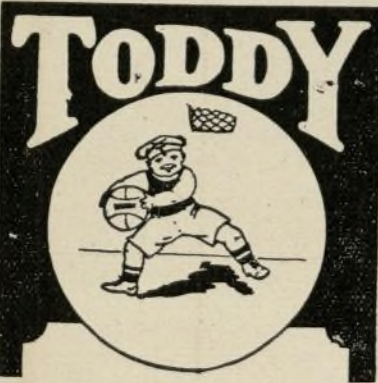
Sexta-feira, 9 de Setembro

Esta manhã quiz voltar ao Sclamlück. É realmente bela esta parada militar. Os Turcos são admiráveis soldados, já o sabia. Mas tinha-os visto muitas vezes, — na Tessália ou na Macedónia, por exemplo — rotos, esfrangalhados, e a tal ponto privados de tudo, que dava pena vê-los, não se conhecendo que eram soldados senão pelas suas armas sempre limpas e pelos seus olhares sempre ativos. A guarda imperial, que aqui vejo, mostra, com o mesmo fundo de qualidades, muito melhor aspecto: os sapatos teem solas e os uniformes não teem buracos. De maneira que é quasi tão brilhante como entre nós, e mais sólido.

Tinha vontade de tornar a ver estes soldados. E queria também tornar a ver o mais belo de entre eles, o meu grande Tchérquesse bordado de ouro, o marechal Mehmed Djaleddin paxá. Vi-o. Mehmed paxá, informado da minha presença, veio, como no mês passado, apertar a minha mão à sala dos embaixadores. Pelas janelas abertas, entrava o sol a jorros. A mesquita Hamidié, tódá de mármore branco, ofuscava como um palácio de neve. Ao longe, o Bósforo, azul e louro, desdobrava-se entre Scútari e Stambul.

— Lindo tempo, senhor coronel; é o adeus do verão, que acaba de chofre na nossa Turquia. Talvez seja hoje a última sexta-feira nas Águas Doces da Ásia. Já lá foi? Não? Então quer aceitar esta tarde metade do meu caïque?

— Aceito, encantado. Eu sei que as Águas Doces da Ásia são uma pequena ribeira, onde, às sextas-feiras de verão, se reinem todos os caíques elegantes do Bósforo. Ainda não tive vagar de ver este desfile. E vai ser para mim dobrado



Dá às crianças uma saúde de ferro
 É o alimento energético por excelência para
 novos e velhos
 À venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
 mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

BANANIA

A MAIS PREFERIDA DE TODAS AS FARINHAS NUTRITIVAS

Latras de 250 gr. — Esc. 12\$00

Agencia e revenda:

RUA DA PRATA, 71, 1.º

VOGA

oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo.
 Dirigir-se à sua Directora. Rua Anchieta, 52

prazer ir lá em companhia deste Turco, decididamente mais simpático que qualquer outra personagem daqui. Pelo menos, não é nem abutre nem corvo!

O caïque de Mehmed paxá é um soberbo caïque de três ordens de remos, com uma dúzia de metros de comprimento e a largura suficiente para se sentarem duas pessoas a par; — uma espécie de grande piroga maravilhosamente afiada, tódá de madeira envernizada, com esculturas e dourados. Os caihdjis são três albaneses, de nariz recto e rudes bidoges, vestidos de musselina branca. Dentro d'ele, a gente senta-se, ou antes deita-se, sobre tapetes da Pérsia, com almofadas fofas como uma cama. É aquilo desliza sobre a água sem o menor abalo, com incalculável rapidez. Saímos de Dohna-Baghtché, a escada mais próxima de Yildiz, às dez horas à turca (duas horas antes do pôr do sol). E ainda o sol vai alto, já nós estamos à entrada da pequena ribeira. Andamos três léguas em três quartos de hora, e contra a corrente.

Mehmed paxá, sentado à minha direita — nos caíques o lugar de honra é à esquerda — não disse três palavras desde que embarcamos. A costa da Europa e a da Ásia desfilaram ao longo da nossa travessia. Ele olhava, silencioso. Mal me indicou, de passagem, os mais belos palácios das duas margens. — Tchéraghan, onde morreu o Sultão Mourad V; Beylerbey, onde morou a imperatriz Eugénia, que o Sultão Abdul Aziz amava. Os Turcos são contemplativos. E este, de bom grado falador no salão diplomático de Yildiz, entre a mesa de acajú e as cortinas de damasco vermelho, torna-se mudo diante das belas colinas vestidas de grandes árvores e de pequenas casas. Entretanto, ali está o cabo atrás do qual se escondem as Águas Doces da Ásia, — uma ribeira muito estreita, que corre entre canaviaes. Entramos. À direita, um prado circunda um quiosque de mármore; à esquerda, algumas casinhas de madeira encostam-se a quatro velhas torres re-vestidas de hera.

— Anatoli-Hissar, o castelo da Ásia: Mehmed Fatih...

Bem. Compreendi. É o castelo que o Conquistador plantou na margem asiática, antes de transpor o Bósforo para o assalto de 1453. Adoro as explicações curtas.

Cruza connosco um primeiro caïque, com três damas europeias de sombrinha. A terceira vai sentada ao lado de um dos barqueiros. Aquilo não é elegante. Vários caíques, menos rápidos que nós, deixam-se passar à frente. Vejo muitas Turcas belas, graciosamente veladas com o tcharchaf de tule preto. Digo que são belas, e não é isto meramente na fé da esbelteza de formas das mãos admiráveis, mais delgadas e diáfanas que quaisquer mãos francesas ou espanholas: os tcharchafes são véus de grande complacência, muito análogos aos nossos véuzinhos transparentes, e eu distingo à vontade rostos adoráveis, simpáticos e espirituais, onde luzem grandes olhos negros ou suavíssimos olhos azuis. Esta beleza turca, primorosa e linda por essência, compensa-me agradavelmente das Vénus perotas, estilo Kolouri, que são sempre um pouco maciças e quasi bestiais. Não posso deixar de dirigir uma amabilidade a Mehmed paxá, julgando também lisongear o seu patriotismo. Mas foi desastrosa a ideia; Mehmed paxá é um crente:

— Sim, — me responde ele em tom rude — as nossas mulheres turcas são belas; mas eu preferia que fôsem mais decentes e não andassem tão impudentemente desveladas.

É claro que me dei por convencido e não soltei mais palavra. Mehmed paxá, irrepreensivelmente afável, permanece, todavia, sempre marechal; e não obstante a nossa crescente intimidade, a hierarquia militar conserva entre nós tódá a sua força. Um minuto de silêncio. Mehmed paxá volta a falar, menos rude:

— Não tenho, todavia, razão para censurar essas pobres criaturas, cujo único delito é terem cedido ao contágio do Ocidente. Sim, senhor coronel, foram as vossas mulheres cristãs que, com o seu exemplo, corromperam a virtude das nossas. Como quer que uma muçulmana regressasse de boa vontade ao velho yachmak espesso, quando todos os dias se acotovelava com senhoras de Péra, nuas do cabelo até aos ombros, vendo-nos, ao senhor e a mim, prestar-lhes homenagem?

Eu atiro uma objecção sceptica:

— Senhor marechal, cre sinceramente que a virtude das mulheres se meça pela espessura dos seus véus?

Ele não sorri. Pelo contrário, os seus olhos entristecem.

— A virtude das mulheres, senhor coronel, semelha-se a estas bandejas carregadas de vidros, que os domesticadores de ursos sustentam em equilíbrio sobre a ponta de um sabre. Não importa saber que sabe ou que bandeja se empregam nesse trabalho; mas desde que a bandeja está em cima do sabre, já se não pode tocar em nada, ou tudo virá a terra! As nossas

mulheres andam veladas, as vossas, com a bôca e as faces visíveis. Em compensação, as vossas filhas crescem ignorando uma multidão de segredos, em que as nossas são instruídas desde os quatro anos. Que importância tem isso? Nenhuma. Mas estou convencido de que seria muito perigoso para as vossas meninas aprenderem, a par do alfabeto, a maneira como depois hão de fazer filhos, e muito perigoso para as nossas mulheres andarem na rua sem tcharchaf. As mulheres e as crianças pode dizer-se que não são dotadas de razão, e para as guiar, através da vida, é preciso odverti-las constantemente com algum brinquedo.

Calá-se, e lança em volta o seu olhar vivo e penetrante. A ribeira sinuosa corre agora na cavidade de um vale estreito e sombreado. Multidão de embarcações se agita entre as duas margens. Abundam os caíques, menos numerosos, ainda assim, que os barcos vulgares — económicos, porque neles se podem sentar seis passageiros, em vez de dois. Aqui e ali, deslizam alguns «yoles» ingleses, bonitos, mas deslocados no quadro asiático. Remam as misses, de braços nus, sob o olhar invejoso das damas turcas, condenadas à indolência. Mahomed paxá, bruscamente, põe a sua mão na minha.

— Vêja! Estas Águas Doces são como um resumo de tódá a nossa cidade: aqui as mulheres da Ásia e as mulheres da Europa aproximam-se, examinam-se, comparam-se, invejam-se. E nada lhes é mais prejudicial, tanto a umas como a outras. Ensinam-se mutuamente a fazer o mal. De forma que, tanto em Stambul como em Péra, o escândalo é o prato do dia. As onssas damas muçulmanas de Brussa ou de Cônia, mais isoladas, observam com outro rigor a lei do Profeta! e não duvido de que as vossas damas cristãs sejam também virtuosas na sua terra. Mas aqui... senhor coronel, eu sou chefe do gabinete político de Sua Majestade, e o senhor calcula bem que quasi não há casa turca ou franca onde as exigências do meu cargo não me obriguem a passar às vezes uma vista de olhos. Pois, a pesar de me esforçar por ver apenas o que interessa ao Império e ao Islam, muitas vezes, vendo o que não queria ver, tenho sentido córar as minhas velhas faces!

Safa! este rubôr maometano deveria fazer pasmar um prefeito da policia parisiense... Agora Mehmed paxá abaixa o tom de voz:

— Sim, é muito contra minha vontade que vejo. Olhe, no centro de Stambul há um grande bairro, chamado Abul Vefá. Outrora, este bairro era como todos os outros. Hoje, prefiro ocultar-lhe o que aí se passa. Aqui tem onde a imitação do Ocidente leva a Turquia. E, entretanto, senhor coronel, se a nossa Stambul se corrompe ao contacto da vossa Europa, acredite a minha palavra: os vossos europeus que residem entre nós, fazem pior do que corromper-se; e Péra inteira vale talvez ainda menos que o bairro de Abul Vefá.

Estamos agora no mais belo sítio das Águas Doces. As duas margens são agora prados em declive, plantados de árvores maravilhosas, plátanos, cedros, carvalhos, salgueiros, ciprestes altos como flechas de catedrais. E debaixo destas sombras, mais ricas em tonalidades verdes do que uma tela de Corot, muitas mulheres turcas estão sentadas, em ranchos, sobre a erva. Os seus vestidos de seda lisa ou ondeada, cor de rosa de jasmim, de lilás, de malva, de peonia, de botão de ouro, de junquillo, de violeta e pervinca, ou de amor-perfeito, são como grandes flores esplendorosas, que engrinaldam os prados. E é um conjunto realmente lindo, o destes vestidos a florejam esparsos sob as árvores. As damas turcas que vivem no campo, vestem-se com um grande retalho de seda, que as envolve dos pés à cabeça, e escondem os cabelos em pequenos capuzes da mesma seda; de forma que tódas se pareçam com as imagens piedosas da Santa Virgem. Do meio da ribeira distingo uma multidão delas. Quasi imóveis, não as ouço falar. Contemplam, scismadoras e concentradas, a água brilhante, os caíques envernizados, os vestidos claros e as sombrinhas, e os longes aveludados dos bosques.

Entretanto, o nosso caïque aborda. Mehmed paxá salta para terra e convida-me a imitá-lo.

— Tenho que tratar de uma pequena coisa. Se lhe convém andar um bocadinho...

Palavra que não, não me convém. Sinto-me à vontade, no grande caïque fôfo, entre a frescura da água corrente e o leve perfume desta verdura. Oh! que doçura a das tardes de verão no Bósforo!...

Preciso de ter um caïque meu, sem demora. Não há carruagem nem trenó que valha um caïque... Os yoles, os barcos de tódas as espécies continuam a ir e vir. Não há ruídos; tudo desliza docemente, voluptuosamente. Debaixo das sombrinhas, através dos tcharchafs diáfanos, vejo graciosas rosas, olhos adoráveis...

Em baixo, ao pé de um plátano, a cem passos da margem, a túnica azul de Mehmed paxá volta-me o dorso. Em frente do marechal, dois

soldados estão alinhados, rígidos. Mehmed paxá rascunha uma ordem sobre um papel que segura na cavidade da mão esquerda, à maneira turca...

Ah! vem subindo a ribeira um caïque de duas ordens, muito elegante e que há de passar muito perto de mim... Um caïque de embaixada ou de finanças; à pópa está agachado um «cavas» de vermelho e ouro, de boné em bico e grande cimitarra; — libré à inglesa, se não me engano. Aproxima-se. Ei-lo. Uma dama está sentada na câmara de trás, uma dama que ainda não posso ver, por causa da sombrinha aberta. Mas o sol esconden-se atrás das grandes árvores, e, exactamente quando era para desear, a sombrinha fecha-se.

Oh! que deliciosa aparição! É muito nova, a dama do caïque, e muito bela, não obstante não sei que véu de misteriosa melancolia que lhe cobre o rosto puro. Tem nos braços, apertado contra si, um belo rapazinho com grandes aneis de cabelo castanho. Não tenho tempo de ver mais. Todavia, de relance, surpreendi o olhar de dois olhos castanhos, muito ativos e muito scismadores. E já o caïque passou.

Abalo inesperado: Mehmed paxá, de volta, salta a pés juntos para o meio dos coxins, e senta-se a meu lado.

— Senhor marechal, viu aquele caïque ingles? Quem é a dona?

— Não conhece? É, todavia, do seu meio, senhor coronel! Lady Falkland, a mulher do director inglês da Dívida.

— Ho! Ser ápossível? Aquele dogue escocês, estrangulador de ursos e de boers, casado? E casado co misto, com esta duquesa de Van Dick ou de Ticiano? Não!

Mehmed paxá fixa-me com curiosidade. Mas um turco nunca interroga. Posso voltar a cabeça à minha vontade e esforçar-me por ver o caïque de duas ordens, que já vai longe a montante. Precisamente agora acaba ele de dar meia volta. É a hora em que se deixam as Águas Doces. Mais um momento, e o sol esconder-se há por trás das colinas da Europa. E em seguida, os soldados e os policiaes, guardas das virtudes do Islã, obrigam as portadoras dos vestidos-flores, que estão sentadas sobre a erva, a reentrar, sem demora, em seus barcos ou carruagens, e voltar aos barcos.

(Continua)

DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas por IBALITA

Um volume encadernado com 351 paginas

Escudos 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 LISBOA

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA}
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O LIVRO DE BEBÊ

Livro Util e Indispensavel
às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O primeiro passeio, O registo, O batizado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos cabelos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

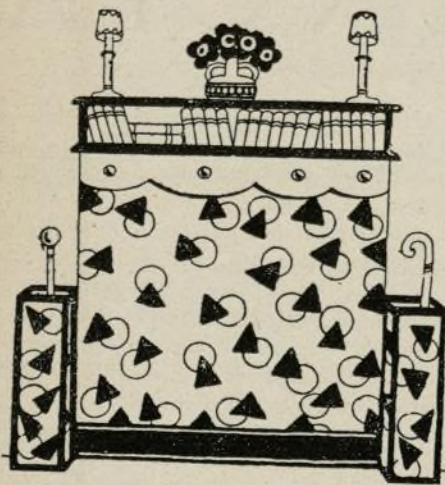
Pedidos aos Depositarios

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

PARANDO muito simples, nem sempre é fácil arranjar, com gosto, a saleta de entrada, ou vestibulo. A sala vulgarmente destinada a servir de entrada é quasi sempre de pequenas dimensões, mal alumada pela luz do dia, — o que lhe dá uma nota sombria e triste — condições que não favore-



com o seu arranjo. Difficil é, pois, dispô-la de modo a que ela adquira um aspecto alegre, não é verdade? E contudo, a sala de entrada é, por assim dizer, como que a saudação de boas-vindas que uma casa dá ao seu hóspede recém-chegado. Ela deve dar-lhe uma boa impressão, susceptível de fazer presumir favoravelmente do resto da casa.

Voga, o semanário da Mulher Portuguesa, quer ser para esta uma amiga segura. E esta amiga será daquelas que precisem de conselho, a confidente das que sofrerem, o guia de todas.

Ela — Voga — irá, companheira fiel, acompanhando sempre a Mulher através da sua vida: guiando com bons avisos e recreando a menina, formando a Noiva, auxiliando a Esposa no arranjo do seu lar, aconselhando a Mãe na sua nobríssima e tão suave missão de criar e educar.

Voga terá — e não é assim que deve ser uma

UM ARRANJO DE SALETA DE ENTRADA

verdadeira amiga? — Voga terá, pois, um conselho amigável para cada circunstância da vida feminina, desde os mais pequenos casos e pormenores, até às ocasiões difíceis e mais graves.

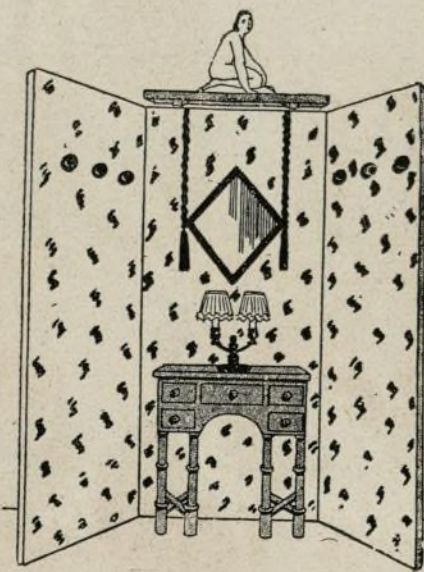
Hoje tratemos, leitores minhas, do arranjo da nossa saleta de entrada. Será esta ocupação uma coisa fútil? Não: não o é. Nenhuma das faces do aspecto da nossa casa deve deixar de merecer-nos o nosso cuidado e o nosso interesse. A casa é o lar, e o lar é o ninho; é o oásis da Vida, onde impera a Beleza e reina a Paz.

Nas páginas da Voga já as minhas amigas encontraram bons conselhos sobre arranjos de móveis para a sala de jantar, o quarto de dormir, e até com respeito à cozinha. Chegou, pois, a vez da sala de entrada, onde a visita que chega pendura o seu sobretudo, o seu chapéu, e deixa, no bengaleiro, a sua bengala.

O arranjo desta saleta deve ser simples e

mesmo vestibulo. São todos eles engenhosos e elegantes.

A primeira das nossas gravuras representa uma singela prateleira de talhe moderno em



que se colocou, entre dois castiçais de prata ou loiça, uma jarra de cerâmica onde flores devem estar, sempre frescas. A prateleira será guarnecida por uma série de livros, todos de igual encadernação. Debaixo dessa prateleira, um pano forte de cretonne de fantasia forma reposteiro. Que os desenhos e as cores dessa cretonne sejam vivos e modernos, sem contudo se tornarem berrantes. E por traz desse reposteiro que se ocultam alguns cabides, prontos a receberem os sobretudos ou casacos das visitas. Aos lados, dois bengaleiros, feitos de baguettes pintadas no desenho e nos tons da cretonne, dispuseram-se para as bengalas e guarda-chuvas das pessoas que entrarem.



«coquet». Modernamente procura-se um «chic» muito sóbrio que agrade à vista e à traí.

Ora vejamos: Temos aqui, em quatro figuras distintas, quatro arranjos muito diversos do

Passemos agora a novo arranjo (Fig. 2): De galão ou trança faz-se um encruzado que, muito originalmente, emoldura um alto espelho de forma rectangular. Quatro cabides, dois de cada banda, foram fixados sobre os lados; e na frente colocou-se um pequeno móvel que um bibelot com graça enfeita.

Outro modo de arranjar a nossa saleta de entrada (Fig. 3): Um biombo guarnecido por um espelho em diagonal que um grosso cordão de seda negra dependura (cordão terminado por duas borlas da mesma seda); três cabides sobre cada um dos painéis laterais do biombo; um leve móvel ao meio — eis um arranjo gracioso e de veras moderno. Encimando o meio do biombo, uma prateleira, fixa na parede, ostenta uma fina escultura.

E agora, uma coisa mais simples: Com cinco tábuas de madeira branca, pode perfeitamente conseguir-se o elegante e pratico porte-manteau que nos mostra a nossa última figura (4). Bem pintada a ripolin no tom do papel que forre a parede, a prateleira será destinada a receber os chapéus. Deverá, pois, para tal fim bem preen-



cher, ter-se talhado funda. Os cabides serão colocados por debaixo dessa prateleira.

Apenas vos fica, minhas queridas amigas, o embaraço da escolha: Não é assim?

FINETTE.

TEATRO

O THEATRO NA COCHINCHINA

As tournées... A partida, a companhia é uma família imersa na ternura mais profunda. Na terra de estreia vão todos para o mesmo hotel. E pede-se uma mesa redonda para todos, porque todos são muito amigos e não podem dispensar a companhia dos irmãos.

Findo o espectáculo, grande ceia, abraços, brindes de enternecer. É preciso embarcar de madrugada... Vai tudo num camion a cantar. O paraíso!

Daí a quinze dias...

A estrela arranjou três amiguinhos mais do peito. O estrêlo, para levar vantagem, rodeou-se de seis contratadores. Já não vão todos para o mesmo hotel. E já não querem mesa redonda, mas sim duas grandes mesas.

Daí a um mês...

Já não há dois partidos: Há quatro. O da estrela, o do estrêlo, o do secretário, o do galã da troupe.

Temos, portanto, quatro hoteis para alojar a companhia.

Protesta-se contra as viagens de fora de horas. Briga-se por causa das primeiras e segundas classes.

Há tiradas dramalhascas por causa da letra gorda nos cartazes. Invoca-se o «passado», o glorioso passado de cada um.

Os vales do secretário começam a rarear. Este serve sómente um ou dois dos que escapam à «troupe» (expressão consagrada).

Estamos as portas do inferno...

Dois meses depois...

Acabaram-se os amigos. Pode ser véspera de Natal, que ninguém pensa em reunir-se. Grupos de dois camaradas são raros, raríssimos!

As ordens aos donos dos hoteis terminantes: pequenas mesas separadas!

Cada qual pensa numa companhia por sua conta e faz combinações secretas com os empresários das terras.

Começam as despedidas, as multas, as tabelas, as discussões, a violência da parte da empresa, a indisciplina da parte dos artistas.

A companhia é um vale de lágrimas, de lamentos, de tragédias.

Pior que o inferno!

TODAS AS GRAVURAS DA VOGA SÃO FEITAS NA CASA BERTRAND IRMÃOS L^{da}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

TEL. T.96

BINOCULO

Pouca gente terá pensado no futuro negro que espera a arte dramática se actores, autores e metteurs-en-scène se não dispuserem a renovar a forma de fazer teatro, simplificando-lhe os processos, adaptando-o à vertigem da vida moderna, tornando-o um divertimento acessível, fácil e rápido.

Um artigo de Lansdale Hodson, num número recente do Daily Mail, descreve o interesse, o entusiasmo de um grupo de cegos assistindo à representação de uma peça, enquanto a maioria dos espectadores, os que vêem e ouvem, se massa-horivelmente. É que a realização não corresponde à beleza do poema.

Estamos em que o teatro, para obter a sua expressão máxima, a mais perfeita, se deveria limitar a demonstrações scenicas, arte de dizer propriamente dita, isolada da mise-en-scène, perfeitamente dispensável, e, muitas vezes, prejudicial.

Que o «espectáculo dos olhos» ficasse para o cinema exclusivamente.

E a arte de dizer, apurada e cuidada, salvaria de muitos precalços o nosso teatro, parco de faculdades para a realização grandiosa que os sentidos imaginam, como os cegos de que nos fala Lansdale...

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA

As nossas leitoras vão ter a oportunidade de aprender a desenhar. Vai ser inaugurado em Portugal o primeiro Curso de Desenho por Correspondência. Inaugura-o a Casa Bertrand através do seu «Magazine». Ali progressivamente podem as nossas leitoras aproveitar as suas faculdades artisticas e juntar aos seus predicados mais este — a hoje tão útil Arte do Desenho. Secção especial de Arte Aplicada Feminina sob o patrocínio da «Voga».

No próximo número do «Magazine Bertrand» serão indicadas as condições de admissão.

LUXO E
OPULÊNCIA

PODE dizer-se que a arte cinematográfica, a arte muda como usa dizer-se, é aquela que tem empregado em mais alto grau, como elementos de agrado, o luxo e a opulência; luxo de decorações, luxo de indumentária, opulência de realização, opulência na formosura das suas mulheres, inacreditavelmente belas.

Sem palavras que estabeleçam o ambiente na construção do diálogo, na pronúncia dos personagens ou ideias

*Sob a carícia da luz,
a beleza das
mulheres...*

dispendidas, o cinema, arte toda objectivismo, toda desenho, arte das imagens, tem que realizar os ambientes apenas pela visão que dêles nos dá. Sabido, como é, que o público, por muito democratizado que esteja, gosta sempre mais das realizações scénicas em que haja luxo e elegância, gosta, digamos assim, de ver gente bem vestida, não é de estranhar que nos filmes se aproveitem em larga escala aqueles argumentos ou dramatizações que colocam o conflito cómico ou dramático em meio de pessoas elegantes, ricas, de bom gosto, dadas ao luxo e à opulência. Os faustos das côrtes de velhas mo-

*Uma scena do último
filme da perturbante
artista Pauline
Starke*



narquias, os
grão-duques
russos e as
suas caras excentricida-
des, as rainhas da moda
e da elegância, as casas

de modistos famosos e a vida efêmeramente brilhante dos felizes da terra, são sempre elementos de seguro agrado. Por isso ao cinema se torna necessário apresentar as suas produções com um luxo de bom gosto e uma opulência verdadeiramente artística, para conquistar o grande público de todos os mercados. Nas fotos que reproduzimos aqui, temos três scenas de diferente índole mas de uma verdadeira beleza, três scenas tipicamente luxuosas.

Em cima, num terraço de poético recorte, entre colunatas puríssimas, tocados por uma luz de sonho, duas mulheres mui formosas, Mãe Busch e Eleanor Boardman e dois homens de implacável elegância, ou sejam Creighton Hale e o D. Juan moderno, Lew Cody. Formam um grupo de raro encanto, de invulgar distinção.

Em baixo, num salão de jantar, senhorial, de severa beleza, nobilíssimas linhas, algumas figuras em que a elegância predomina, uma elegância, porém, de tal sobriedade, que marca bastante a estirpe das personagens.

Finalmente, na oval junta, à direita, rendas, tules, «deshabillés» vaporosos, um «boudoir» muito moderno, muito feminino, mas de uma grande harmonia de linhas, o belo e elegantíssimo divan ao fundo, grandes frisos de roupagens pregadas com negligência, servindo de moldura a duas flores delicadíssimas, flores de luxo e opulência, Esther Ralston, a Vénus clássica de cabelos de ouro, e Paulina Starke, perversa, diabólica, fina, Vénus da idade incongruente do Jazz... luxo e opulência!...



Uma casa de jantar senhorial, estilo sóbrio mas luxuoso...